

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNA

MARCOS VINÍCIUS DA SILVA OSÓRIO

RACISMO E MÍDIA: “PESOS IGUAIS E MEDIDAS DIFERENTES”

Análise de notícias dos portais G1 e R7 sobre a abordagem jornalística
de acordo com a cor da pele e a condição social

Belo Horizonte
2021

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNA

MARCOS VINÍCIUS DA SILVA OSÓRIO

RACISMO E MÍDIA: “PESOS IGUAIS E MEDIDAS DIFERENTES”

Análise de notícias dos portais G1 e R7 sobre a abordagem jornalística
de acordo com a cor da pele e a condição social

Trabalho de Conclusão de Curso Apresentado à
Banca de Graduação como requisito para
obtenção do diploma de Comunicação
Social – Habilitação Jornalismo.

Orientadora: Profa. Maria Magda de Lima Santiago

Belo Horizonte
2021

RACISMO E MÍDIA: “PESOS IGUAIS E MEDIDAS DIFERENTES”

Análise de notícias dos portais G1 e R7 sobre a abordagem jornalística
de acordo com a cor da pele e a condição social

Marcos Vinícius da Silva Osório¹

Resumo

Este artigo teve como objetivo confirmar se o tratamento dado pela mídia brasileira a negros e brancos, e a pessoas de condições socioeconômica diferentes, é desigual. Mais exatamente, como dois grandes portais de notícias – o G1 (Rede Globo) e o Portal R7 (Record), ambos de abrangência nacional – tratam os envolvidos em ocorrências criminais iguais ou parecidas, quando possuem cor de pele e classe social diversa. Ou seja, pretende-se confirmar se são “pesos iguais e medidas diferentes”, ou não, a partir da análise do discurso dos produtos jornalísticos selecionados. As categorias escolhidas foram os *índices de avaliação* (KOCH, 1992), o *vocabulário* usado para se referir aos suspeitos (MAINGUENEAU, 2008), e as referências à sua condição socioeconômica, juntamente com a observação crítica das imagens apresentadas. Após as análises das dez reportagens selecionadas, cinco em cada um dos dois portais, veiculadas entre 2015 e 2021, concluímos que esses programas noticiosos, de forma tanto implícita quanto explícita, referem-se de modo depreciativo aos suspeitos de raça negra e de classe socioeconômica mais baixa. Ao mesmo tempo, parecem preservar, por meio da escolha vocabular e das imagens, suspeitos de delitos parecidos, mas que têm a pele branca e melhor condição financeira.

Palavras-chave: Racismo. Preconceito de classe. G1. R7. Análise do Discurso.

Introdução

Um ponto a se pensar: será que os meios de comunicação fingem imparcialidade? Seus produtos parecem transparecer uma grande conivência com a construção presente no imaginário social, em que a população negra e os grupos com baixo poder aquisitivo são vistos como subalternos, estando sempre em posição precarizada, enquanto grupos hegemônicos são privilegiados. O tema desta pesquisa é o tratamento desigual dado a negros e brancos e a pessoas de condições socioeconômicas desfavorecidas pela mídia brasileira. Como dois grandes portais de notícias, G1 e R7, tratam os envolvidos em ocorrências criminais iguais ou parecidas, quando possuem cor de pele e classe social diferente?

¹ Graduando de Jornalismo do Centro Universitário Una. Artigo apresentado como produto final de conclusão do curso para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Com base nos dados do estudo “Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil”, realizado em 2019 pelo IBGE, 55,8% da população se autodeclarou negra no ano de 2018. Entretanto, na camada dos 10% com maior rendimento per capita, os brancos representavam 70,6%, enquanto os negros eram 27,7%. Entre os 10% de menor rendimento, isso se inverte: 75,2% são negros, e 23,7%, brancos.

Mesmo sendo maioria, ainda é a população negra a minoria que tem “voz” na sociedade brasileira. Como se não bastasse a histórica repressão, imposição de limites pela cor, cerceamento de direitos, entre outras crueldades que hoje culminam em uma grande vulnerabilidade social e econômica, diariamente a mídia parece trazer à tona a imagem dessa população ligada a estereótipos desonrantes. Em grande parte das condutas contrárias às leis, como assassinatos, roubos, mortes, tráfico, entre outras, são usadas qualificações que naturalizam e inserem a população negra na condição de sujeito culpado. São narrativas onde a cor de pele e a condição social ditam o tratamento dado ao indivíduo.

Enquanto isso, tratando-se de grupos hegemônicos da nossa sociedade, como a população de raça branca e maior poder aquisitivo, percebe-se que, em muitos casos, a forma como são qualificados é suave, e a descrição de sua conduta desonrante é parcialmente silenciada no contexto da matéria, como se a “barra” do grupo social em destaque fosse amenizada. Um homem branco que trafica drogas, quando exposto nos noticiários, é nomeado nas manchetes e no corpo da matéria, por exemplo, como *estudante*, *empresário*, ou outra alcunha social de tom positivo. Um homem negro o veículo de informação nomeia como *traficante*, *bandido*, *um perigo para a sociedade*, confirmando estereótipos que desestabilizam o meio social.

Este ato de avaliar e classificar seres humanos segundo a sua cor de pele e condição social, apenas fortalece o racismo e o preconceito de classe que a nossa sociedade pratica diariamente, mas nega veementemente. Ou seja, prolonga o abismo social em que a população majoritária já se encontra, quando comparada a uma minoria, que é branca e tem maior poder político, social e econômico. Na comunicação, especialmente no jornalismo, os veículos de informação e seus profissionais têm um papel de formadores de opinião e conscientizadores da população. Mas nossos veículos de informação parecem desacreditar das premissas de *objetividade* e de *imparcialidade* que caracterizam o gênero noticioso.

Esta investigação se debruça no estudo de dez casos, cinco publicados pelo G1, portal de notícias vinculado à Rede Globo, e cinco publicados pelo R7, da TV Record, no período entre 2015 e 2021. O objetivo é analisar se esses veículos são coniventes com a perpetuação da estrutura do racismo e do preconceito de classe na sociedade brasileira, e como isso pode ser identificado/comprovado pela análise dos seus produtos jornalísticos.

Partindo desta pergunta – Como dois grandes portais de notícias, o G1 e o R7, tratam os envolvidos em ocorrências criminais iguais ou parecidas, quando possuem cor de pele e condições sociais diferentes? – verificamos como os veículos de comunicação citados acima, por meio de sua narrativa e forma de abordagem discursiva, constroem sentidos diversos nas qualificações/avaliações e no vocabulário escolhido. Assim, consideramos as seguintes ações e categorias de análise:

- Analisar qual *vocabulário* (MAINGUENEAU, 2008) foi escolhido para substituir o nome dos sujeitos, como *traficante, assassino, jovem, bandido, homem*, verificando se atenua ou reforça a condição de suspeito nessa forma de referência.
- Identificar, no discurso jornalístico, quais *índices de avaliação* (negativos ou positivos), a partir das definições de (KOCH, 1992), são usados para qualificar o suspeito, e se há diferenças entre aqueles escolhidos para o sujeito branco e o negro.
- Verificar se há referência à condição social de cada um, e se o fato de o sujeito ser de classe alta, média ou baixa determina formas de tratamento diferentes na narrativa.
- Observar as imagens apresentadas, se o sujeito é mostrado, de que forma, examinando quais sentidos são construídos por elas.

Conforme a investigação se desdobrou, ficou cada vez mais evidente que este trabalho tem o papel de contribuir para a intensificação do debate, tanto no campo jornalístico quanto na esfera social, sobre a ética jornalística e as formas de perpetuação do racismo e do preconceito de classe pelos produtos de comunicação da mídia brasileira.

Jornalismo e sociedade

O jornalismo faz parte do campo da Comunicação Social, e esta última palavra faz alusão à sociedade. O papel do jornalismo na sociedade do imediatismo em que vivemos é interpretar e traduzir informações, produzindo um bem intelectual para seus

leitores/telespectadores/internautas. Precisa divulgar o conhecimento e dar ao receptor a oportunidade de refletir e interpretar, formando opiniões que o ajude a tomar suas decisões. Segundo Breed (1999, p. 15), “informar os cidadãos dos assuntos do momento é uma necessidade prática e democrática de uma imprensa livre e responsável”. Reginato (2019, p. 50) acrescenta que “o jornalismo deve prover à população a informação exata, honesta e completa à qual ela tem direito”.

O jornalismo deve divulgar o fato, aquele que é importante para o dia a dia, para a vida saudável, democrática, com valores humanos, dotada de equidade e igualdade. Espera-se que o foco daqueles que nutrem a sociedade de conteúdo a partir de seus produtos jornalísticos, seja a informação de qualidade para todos. É preciso orientar, investigar, registrar fatos e, tudo isso, da maneira mais honesta possível. O jornalismo tem, para com a sociedade, responsabilidades inegáveis, as quais precisam ser respeitadas e tratadas de forma correta, pois “discutir a qualidade da informação é um desafio não só teórico, mas também da prática profissional: a própria imprensa brasileira não tem um conceito muito claro e definido do que é qualidade jornalística” (REGINATO, 2019, p. 50).

O público tem o direito de ser bem informado, devendo este direito ser uma máxima para os jornalistas. Se somos, enquanto seres vivos, reflexo daquilo que consumimos, o jornalismo de qualidade, pautado na ética e na responsabilidade social, pode contribuir para a sociedade da melhor maneira possível. Por que não um olhar humano para construir os produtos jornalísticos e midiáticos? Com imparcialidade para traduzir informações para a sociedade, considerando que os envolvidos nas infrações/crimes devem ser julgados por suas práticas, não por suas características físicas e condição social.

As finalidades do jornalismo são o eixo definidor de uma atividade que tem um compromisso ético e um papel social a desempenhar e que não pode ser substituído por outra instituição. É o cumprimento das finalidades do jornalismo – no caso a de informar de modo qualificado – que singulariza o jornalismo enquanto gênero discursivo e que permite ao leitor dizer: isto não é propaganda, não é ficção, não é romance. Se não cumprí-las, o jornalismo corre o risco de perder leitores, de perder qualidade, de perder o que o singulariza enquanto gênero discursivo. Corre o risco de, em última análise, deixar de ser jornalismo (REGINATO, 2019, p. 51).

O Jornalismo é pilar para qualquer sociedade democrática, livre, justa, de valores humanos, equilibrada, dotada de equidade e respeito. Por esse motivo, é preciso refletir sobre a sua responsabilidade na produção de sentido coletiva, sobre as consequências da perpetuação de

padrões que geram discriminação e desigualdade, rompendo com o sentido da palavra “democracia” no desrespeito à diversidade.

O texto “Princípios Internacionais da Ética Profissional no Jornalismo”, formulado a partir de debates ocorridos em 1980, promovidos pela Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) – e que teve participação da Associação Brasileira de Imprensa (ABI) –, pauta, em seu princípio terceiro, o jornalismo como “bem social e não como uma comodidade, o que significa que os jornalistas não estão isentos de responsabilidade em relação à informação transmitida”.

Ainda sobre o papel da profissão na sociedade, Perdomo (apud KOVACH; ROSENSTIEL, 2015, p. 13) comenta que “o jornalismo só existe como profissão e tem uma função na sociedade porque trabalha para fornecer à população informação que contribua com o desenvolvimento de sua cidadania”. E confirma que “a principal finalidade do jornalismo é fornecer aos cidadãos as informações de que necessitam para serem livres e se autogovernar”.

Ao analisar o pensamento desses autores, percebe-se o jornalismo como atividade em que o conteúdo transmitido necessita da ética e do compromisso por parte do transmissor da informação compartilhada com a sociedade, já que o referido profissional tem acesso aos canais de mídia, ao grande público, e lida, de modo inerente, com interesses pessoais, políticos, econômicos, entre outros, direta ou indiretamente.

Varjão (2008, p. 43) aponta que “as manchetes dos jornais são elaboradas de modo a chamar a atenção do leitor”. Este princípio, segundo a autora, integra o conceito de

“Jornalismo máximo”, prática sobre casos que envolvam criminalidade e violência, compreendido como o esforço detectável de valorização das reportagens. Um esforço que não significa garantia de qualidade da informação, mas que evidencia o grau de importância que os produtores da notícia atribuem - ou querem atribuir - a essa ou àquela manifestação de violência (VARJÃO, 2008, p. 44).

Logo, é necessário refletir sobre como os autores acima tratam o papel social que esse “jornalismo máximo” pode ter na sociedade, uma vez que a garantia de qualidade do produto jornalístico pode deixar de ser respeitada. Assim como a responsabilidade social pela informação prestada se abala frente ao modelo midiático, que evidencia uma manifestação de

violência, um crime ou qualquer outra conduta, para captar público com intenções comerciais. O poder dos meios de comunicação é evidente, como descrevem diversos autores:

Sendo a mídia toda produção cultural de massa em diversos meios - como a imprensa, a literatura e a radiodifusão, dentre outros (VAN DIJK, 2008b) [...], ela é um meio poderoso para veiculação da ideologia hegemônica por meio do discurso. O discurso midiático reproduz relações de poder na medida em que certos veículos detêm grande parte da difusão de discursos, enquanto a maior parte da população atua apenas como receptora de discurso. Além disso, os proprietários de meios de comunicação podem escolher o que será publicado, como será apresentada a informação, qual a ênfase dada a cada informação (VAN DIJK, 2008a) [...] os principais veículos de comunicação massiva constroem as notícias em forma e conteúdo similares, criando uma impressão de homogeneidade na descrição e/ou interpretação dos fatos sociais (VIEIRA; ROCHA, 2018, p. 50).

À medida que entendemos que o discurso midiático está enraizado na ideologia hegemônica da sociedade, sendo uma possibilidade real a escolha dos proprietários de meios de comunicação por um fato em detrimento de outros, e por determinado modo de tratar essa informação, é preciso falar do estereótipo – a maneira como a ideologia dominante enxerga grupos sociais, como a comunidade negra e menos favorecida socioeconomicamente.

Estereótipo e preconceito

A homogeneidade de descrição e interpretação do jornalista pode se tornar também a do consumidor na sua leitura. O esforço em visibilizar e destacar conteúdos noticiosos de interesse dos proprietários de meios de comunicação e/ou de classes dominantes, que têm poder sobre a narrativa e sua veiculação, abala a responsabilidade social, e isto não isenta o jornalista. Mesmo que exista a possibilidade de não terem sido intencionais as escolhas feitas pelo profissional, pois levam em conta a linha editorial do veículo, sua narrativa atinge o público e pode moldar comportamentos sociais.

Vieira e Rocha (2018), no momento em que analisam a manchete do G1 do Estado do Rio de Janeiro, “Polícia prende jovens de classe média com 300kg de maconha no Rio”, apontam como é feita a construção do veículo quando abordam notícias cujos envolvidos em atividade ilícita são jovens brancos:

Apesar de se tratar de uma notícia de tráfico de drogas, a identificação dos envolvidos remete ao endogrupo [grupo no qual as pessoas se sentem entre iguais], isto é, ao

grupo dos jovens brancos de classe média que consomem maconha, e não há valoração negativa desse grupo e de suas práticas sociais (VIEIRA; ROCHA, 2018, p. 56).

E completam com o contraponto, fazendo a análise de uma segunda manchete, também do G1, mas agora do Estado do Ceará, “Polícia prende traficante com 10 quilos de maconha em Fortaleza”. É possível notar que:

O termo “traficante” remete ao exogrupo [grupo do qual os grupos hegemônicos não pertencem, ou querem ser associados, relacionado à posição social, no caso, exogrupo são as classes mais baixas], ou seja, ao criminoso pobre da periferia. Rocha (2016) demonstra que não há, nas representações sociais sobre esse grupo, qualquer diferenciação entre os termos traficante, criminoso, sequestrador, maconheiro, em suma, termos que identificam o sujeito como transgressor da lei. Além disso, esses termos apagam os traços da identidade da pessoa, transformando-a em um grupo: o outro, o inimigo (VIEIRA; ROCHA, apud ROCHA, 2018, p. 56).

Quanto à segunda manchete, pode-se notar o tratamento diferente dado em relação ao primeiro caso, mesmo com as semelhanças na conduta: o envolvimento com o tráfico. Há uma mudança na escolha do vocabulário, a atribuição de valor coloca o suspeito como o “rosto” do crime, reforça essa representação social. O termo social é “traficante”, é tudo o que o indivíduo é para a sociedade.

É possível, ainda, conectar a forma de tratamento dada ao grupo de homens negros à forma com que a mídia mostra este grupo social em papéis estereotipados ou pouco diversificados, como constatam Acevedo, Nohara e Ramuski (apud Bristor, 2010, p. 7): “alguns dos estereótipos mais comuns são os de criminosos, favelados e prostitutas”. E sobre essas formas de reconhecimento da população negra na mídia, Vieira e Rocha fazem uma análise entre dinâmicas de poder que usam estereótipos para entender a associação entre *negro*, *pobreza* e *crime*:

Esses três elementos são indissociáveis no discurso dos cadernos policiais (ROCHA, 2016). [...] Dessa forma, a diferenciação entre atores pobres (em geral negros) e de classe média (geralmente brancos) em notícias de ocorrências policiais praticamente idênticas é um dos muitos reflexos do racismo “à brasileira” na mídia (VIEIRA E ROCHA, apud ROCHA, 2018, p. 60).

Segundo Misse (2006), o crime não é um privilégio de classes, no entanto, existem certas práticas criminais associadas às condições de vida de segmentos “marginalizados”, que a representação social privilegia como objeto principal do “medo da violência” (MISSE, 2006,

p. 33-34). Ainda segundo o autor, apesar de a maioria dos presos no Brasil serem pobres e negros, essa situação se perpetua porque a polícia segue um “roteiro típico” que associa de antemão a pobreza, a marginalidade e os negros com a criminalidade, quadro que é reproduzido – por meio das fontes oficiais usadas pela mídia – nos noticiários. Neste sentido, é preciso discorrer sobre o racismo recreativo e estrutural, tema do próximo tópico.

Realidades brasileiras: racismo recreativo e estrutural

Neste contexto, parece haver uma hierarquia noticiosa condicionada a questões socioeconômicas, raciais e culturais, que reproduzem no imaginário social os estereótipos desfavoráveis à população negra em certos produtos midiáticos. A reprodução do racismo, dentro da hierarquia noticiosa, aparenta ser recreativa, segundo Moreira:

O racismo recreativo decorre da competição entre grupos raciais por estima social, sendo que ele revela uma estratégia empregada por membros do grupo racial dominante para garantir que o bem público da respeitabilidade permaneça um privilégio exclusivo de pessoas brancas. A posse exclusiva desse bem público garante a elas acesso privilegiado a oportunidades materiais porque o humor racista tem como consequência a perpetuação da ideia de que elas são as únicas pessoas capazes de atuar como agentes sociais competentes (MOREIRA, 2019, p. 148).

Moreira constrói sua análise sobre o racismo recreativo em face do humor depreciativo racial que o brasileiro expressa diante das minorias. O humor também é um produto midiático, da mesma forma que os produtos jornalísticos. Sendo assim, é possível inferir que há uma estrutura de poder em nosso país que permite aos grupos hegemônicos o controle desses espaços, assim como o controle de suas narrativas. Silvio Almeida denomina essa relação de racismo estrutural:

O racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção. O racismo é parte de um processo social que ocorre pelas costas dos indivíduos e lhes parece legado pela tradição (ALMEIDA, 2018, p. 50).

Silvio Almeida (2018), na citação acima, afirma a existência do racismo como regra e não exceção, sempre presente no processo social. Tal fato faz com que seja necessário que se investigue de que forma a mídia tem reproduzido esses padrões presentes nas relações sociais,

perpetuando práticas que desrespeitam a diversidade e os direitos humanos. Novamente, faz-se relevante trazer outra reflexão de Moreira em relação ao racismo recreativo, pois este

Almeja preservar um sistema de representações culturais que legitima a dominação branca por meio da desqualificação sistemática de minorias raciais. Embora sejam construções culturais, elas determinam a vida material de minorias raciais. Ele [racismo recreativo] está fundamentado em estereótipos decorrentes do poder de pessoas brancas de criar sentidos culturais que se expressam na forma de estigmas que estabelecem diferenças de status cultural entre os vários segmentos raciais. Essas falsas generalizações embasam cognições sociais, formas de conhecimento compartilhado por certos segmentos a partir dos quais eles passam a atuar (MOREIRA, 2019, p. 151).

Além das questões raciais apontadas por Moreira e Almeida, torna-se fundamental compreender os dados referentes à população brasileira nos aspectos de cor e raça, força de trabalho, taxa de homicídios e educação. Conforme já mencionado, com base no estudo “Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil”, realizado pelo IBGE em 2019, 55,8% da população, em 2018, se autodeclarou negra. Assim como no total da população brasileira, as pessoas negras constituem a maior parte da força de trabalho no País. Em 2018 correspondeu a 57,7 milhões de pessoas. Em relação à taxa de homicídios, ocorreram 16 crimes contra pessoas brancas e 43,4 contra pessoas negras, a cada 100 mil habitantes, em dados de 2017. Traduzindo: uma pessoa negra tinha 2,7 vezes mais chances de ser vítima de homicídio intencional do que uma pessoa branca.

Entre 2016 e 2018, na população negra, a taxa de analfabetismo das pessoas de 15 anos ou mais de idade passou de 9,8% para 9,1%, e a proporção de pessoas de 25 anos ou mais de idade com pelo menos o ensino médio completo se ampliou de 37,3% para 40,3%. Estudantes negros passaram a compor maioria nas instituições de ensino superior da rede pública do país (50,3%), em 2018. Entretanto, seguiam sub representados, visto que constituíam 55,8% da população.

Dados obtidos na pesquisa “Quem é o Jornalista Brasileiro? Perfil da Profissão no País”, permitem afirmar que, ao final de 2012, os jornalistas brasileiros eram majoritariamente mulheres brancas, solteiras, com até 30 anos (64% mulheres); o total de jornalistas brancos era de 72%, enquanto os negros somavam apenas 23%. Diante desse fato, é necessário pensar sobre o “lugar de fala” dos grupos que compõem a sociedade.

Almeida lembra (2018, p. 40) que “[...] a cultura, os padrões estéticos e as práticas de poder de um determinado grupo” estão ligadas ao “horizonte civilizatório do conjunto da sociedade”. Neste sentido, no debate sobre o “lugar de fala”, Ribeiro observa:

A experiência de fulana importa, sem dúvida, mas o foco é justamente tentar entender as condições sociais que constituem o grupo do qual fulana faz parte e quais são as experiências que essa pessoa compartilha ainda como grupo. Reduzir a (...) lugar de fala somente às vivências seria um grande erro, pois aqui existe um estudo sobre como as opressões estruturais impedem que indivíduos de certos grupos tenham direito à fala, à humanidade (RIBEIRO, 2019, p. 67).

O conceito acima torna-se relevante para a comunidade negra dentro das redações e na tomada de decisões editoriais sobre os produtos midiáticos, onde os sujeitos precisam ter direito à fala. Ribeiro (2019, p. 64), ainda pontua que “o falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas a poder existir. Pensamos lugar de fala como refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente da hierarquia social”.

Preconceito racial em destaque na mídia brasileira e mundial

O resultado de violências cometidas contra pessoas de pele negra desencadeou uma onda de protestos contra o racismo e a brutalidade policial pelo Brasil, EUA e por todo o mundo no ano de 2020. No dia 19 de novembro, véspera do Dia da Consciência Negra, João Alberto Silveira Freitas, de 40 anos, foi filmado por testemunhas (estas que assistiram passivamente) enquanto era espancado e morto por dois homens brancos, Magno Braz e Giovane Gaspar da Silva, em um supermercado Carrefour em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul¹. As agressões que levaram João Alberto à morte tiveram início após um desentendimento da vítima com uma funcionária do supermercado. A fiscal Adriana Alves foi considerada pela Polícia Civil como alguém de posição hierárquica suficiente para fazer com que os seguranças parassem com o espancamento, mas não impediu as agressões. Aliás, muitos assistiram de forma omissa, já que ninguém se prontificou a intervir.

8’46’’. Oito minutos e quarenta e seis segundos é um símbolo da brutalidade policial que assassinou George Floyd, 40 anos, do dia 25 de maio, após um policial branco, Derek Chauvin,

¹ Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2020/11/23/caso-joao-alberto-veja-perguntas-e-respostas-sobre-a-morte-de-um-cidadao-negro-no-carrefour-em-porto-alegre.ghtml>. Acesso em: 17 abr. 2021.

se ajoelhar em seu pescoço². O resultado foi a morte por asfixia, como comprovado pela autópsia solicitada pela família de George. As imagens gravadas naquela tarde em Minneapolis, cidade do estado de Minnesota, nos Estados Unidos da América, rodaram o mundo. Assim como as últimas palavras de George: “Não consigo respirar”. O policial foi sentenciado a 22 anos e seis meses de prisão.

A campanha "Say her name" (*Diga o seu nome*) chamou atenção para o assassinato de Breonna Taylor, ocorrido em 13 de março em Louisville, no Estado do Kentucky, nos Estados Unidos da América³. Vítima da polícia em sua própria casa, a jovem negra de 26 anos, aspirante à enfermeira, teve a porta do seu apartamento arrombada por policiais à paisana no meio da madrugada, tendo sido alvejada por pelo menos cinco tiros. Celebidades começaram a dar destaque ao caso nas redes sociais, em um esforço para evitar que caia no esquecimento. Oprah Winfrey, Beyoncé, Viola Davis, Kim Kardashian West, Jennifer Lawrence e LeBron James estão entre as dezenas de artistas e atletas a chamarem atenção para a morte de Breonna e pedir que os culpados sejam punidos. No final de junho de 2020, um dos policiais envolvidos na morte foi demitido. Outros dois foram colocados em licença. Mas, apesar dos apelos da família, de manifestantes e de celebridades para que os envolvidos sejam responsabilizados criminalmente, isso ainda não aconteceu.

Realidades brasileiras: preconceito de classe

Conforme leituras da sociologia, o mundo se dividiu em pelo menos duas classes principais, considerando-se critérios econômicos: os proprietários – dos meios de produção – e os não-proprietários. O Brasil possui uma das maiores desigualdades sociais do planeta. Sendo assim, temos, conseqüentemente, uma sociedade extremamente verticalizada. De um lado, está uma minoria que possui os meios (materiais e imateriais) necessários para realizar praticamente todas as suas aspirações e desejos. De outro lado, excluídos pelo sistema vigente, estão os indivíduos que levam uma existência insalubre, caracterizada por todo tipo de privação.

A partir da década de 1990, mudanças na economia e nas políticas sociais brasileiras que, entre outras conseqüências, levaram ao país a estabilização da

² Disponível em: <https://www.nytimes.com/2020/05/31/us/george-floyd-investigation.html>. Acesso em: 17 abr. 2021.

³ Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/2020/09/24/caso-breonna-taylor-o-que-se-sabe-ate- agora-sobre-a-mulher-negra-morta-nos-eua>. Acesso em: 17 abr. 2021.

moeda, a implantação dos programas de transferência de renda e o maior acesso ao crédito. Essa combinação favorável fez com que uma grande parcela da população brasileira saísse da faixa da pobreza e passasse a integrar o que tem sido comumente chamado na mídia de “nova classe média”, um termo criado pelo economista Marcelo Neri, ou “nova classe C”, seguindo a categoria estatística da Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílio (PNAD) (MENDONÇA; JORDÃO, 2014, p. 4).

Mesmo com políticas sociais voltadas para reverter os quadros de privações sociais vistos por todo o território brasileiro, sempre existiu resistência das classes hegemônicas – detentoras dos meios de produção, do capital político e midiático, do controle das massas –, com o intuito de separar as classes sociais brasileiras em relação aos espaços que ocupam. Logo, segundo Mendonça e Jordão (2014), a classe média, assim, seria formada pelas pessoas que partilham de situações de classe semelhantes, geralmente localizadas entre os grandes empregadores e os trabalhadores manuais, compostas em sua maior proporção por pessoas brancas e de escolaridade médio-alta.

Há de se pensar ainda que não se deve colocar o conceito de classe apenas como questão de renda salarial, pois as faixas podem induzir ao erro. Um médico recém formado costumeiramente branco e um torneiro mecânico experiente negro, podem ter a mesma renda salarial em determinado momento, mas com o passar dos anos, um estará estagnado e o outro passará a ter melhores rendimentos conforme progride na carreira médica. As chances de vida são completamente distintas. Diante do explicitado, vemos que não é bem uma “nova classe média”, mas uma “nova classe trabalhadora”.

[...] “nova classe trabalhadora brasileira”, se diferencia das classes médias e altas por não ser detentora dos principais tipos de capitais, que asseguram o acesso privilegiado aos bens materiais e culturais. Ou seja, ainda não tem, do ponto vista das armas no jogo do campo social, as mesmas capacidades objetivas que têm as classes altas e médias. Faltam-lhe ainda acesso à educação e a origem familiar, que, ao lado do capital econômico, poderiam proporcionar uma real aproximação das classes médias e altas (MENDONÇA; JORDÃO, 2014, p. 6).

Poupar tempo em tarefas braçais para investir mais tempo em atividades intelectuais que proporcionem enriquecimento cultural: poderia ser esta a receita para o acesso da classe trabalhadora ao posto de classe média? Ou melhor, esta poderia ser a receita para ser aceito pela classe média no grupo? Quanto maior a capacitação profissional, maior o status social e apropriação dos espaços de elite, que cada vez mais vêm sendo acessados pelas classes sociais mais baixas devido ao aumento do poder econômico.

Mas, como disse Moreira (2019, p. 148), conforme recorte feito no item “Racismo recreativo e estrutural”, a face do humor depreciativo que a mídia brasileira produz em face das minorias tem o intuito de garantir que o bem público da respeitabilidade permaneça um privilégio exclusivo de pessoas brancas. Mendonça e Jordão exemplificam:

Na última novela citada [Avenida Brasil], era comum personagens falarem alto, mastigarem de boca aberta, se vestirem de forma extravagante e decorarem a casa com elementos kitsch, assim como era o caso também da série A grande família, exibida pela mesma emissora. Entendemos que o humor tem características de questionamento, subversão e ironia, mas não raro no humor brasileiro vemos as classes populares associadas somente ao grotesco... (MENDONÇA; JORDÃO, 2014, p. 6).

Tais representações das classes mais baixas revelam um horror ao pobre, algo próximo do nojo. Quando visto na mídia este tipo de tratamento, dá-se a entender a naturalização da violência cotidiana contra pobres, negros, mulheres, dentre outras minorias, que molda as relações sociais brasileiras.

É o que se pode constatar na sociedade brasileira ao investigar as imagens e os sentidos produzidos pela mídia e suas políticas de visibilidade e invisibilidade: vários grupos são sub-representados ou representados de forma negativa, deixando-se de considerar as possibilidades de protagonismo, ou seja, desejo e/ou ação de falar por si mesmo, de atuar como sujeito ativo nos processos de comunicação. Esse desejo de protagonismo só pode ser realizado à medida que hierarquias forem rompidas e a participação efetiva nos processos de elaboração, circulação e consumo de comunicação for mais equitativa (MENDONÇA; JORDÃO, 2014, p. 8).

O preconceito de classe social está relacionado ao acesso à renda, ao poder aquisitivo, ao nível de escolaridade, ao padrão de vida, à posição social, entre outros quesitos da complexa relação social vertical à brasileira. A forma como a mídia retrata os grupos de classes sociais mais baixas, mesmo aqueles que ascenderam socialmente, ainda nos leva a assistir ao retrato grotesco, desprovido de educação e modas, inserido e banhado em valores negativos, estereotipados, em um ponto de vista preconceituoso. É preciso lançar um olhar questionador sobre as representações midiáticas da sociedade, para assim entender as realidades brasileiras e como os grupos hegemônicos são tratados em contrapartida aos grupos sociais ‘sem voz’ no Brasil.

Análise do Discurso e Ideologia

Seguindo o exposto acima, torna-se fundamental para esta pesquisa que o discurso produzido na mídia seja analisado para se compreender como se manifestam os racismos estrutural e recreativo, além do preconceito de classe, nas falas de quem produz as informações que são amplamente difundidas na sociedade. Esta construção linguística midiática está diretamente ligada ao contexto social. Dessa forma, em um dado discurso, pode-se perceber as ideologias determinadas pela conjuntura política-sócio-cultural de seu autor. Por isso, a análise do discurso torna-se mais do que uma análise textual, como explica Ribeiro:

Antes de mais nada, é preciso esclarecer que quando utilizarmos a palavra discurso no decorrer do livro e a importância de se interromper com o regime de autorização discursiva, estamos nos referindo à noção foucaultiana de discurso. Ou seja, de não pensar discurso como amontoado de palavras ou concatenação de frases que pretendem um significado em si, mas como um sistema que estrutura determinado imaginário social, pois estaremos falando de poder e controle (RIBEIRO, 2019, p. 55).

Assim, o discurso em si é a construção linguística junto ao contexto social onde o texto se desenvolve. Analisar discursos em um país como o Brasil, onde as relações raciais, políticas, econômicas e sociais são críticas, é tarefa necessária. A AD apresenta metodologias que consistem em analisar a semântica e a sintaxe de um discurso, e que também se dedicam a compreender as construções ideológicas presentes.

A palavra ideologia, no senso comum, se volta para o sentido de ideário, conjunto de ideias, pensamentos, doutrinas ou de visões de mundo individuais ou de um grupo. Mas a ideologia pode ser melhor descrita como

[...] um sistema lógico e coerente de representações (ideias e valores) e de normas ou regras (de conduta) que indicam e prescrevem aos membros da sociedade o que devem pensar e como devem pensar/o que devem valorizar, o que devem sentir, o que devem fazer e como devem fazer (CHAUÍ, 1980, p. 113).

Ou seja, ideologia é um conjunto de representações dominantes de um determinado grupo. As sociedades possuem diversos grupos sociais e, com isso, várias ideologias estão em confronto, pois visões de mundo, pensamentos e ideias não são homogêneos. A formação ideológica do indivíduo cria uma forma de se expressar: o discurso.

O discurso é um dos aspectos da materialidade ideológica, por isso, ele só tem sentido para um sujeito quando este o reconhece como pertencente a determinada formação discursiva. Os valores ideológicos de uma formação social estão representados no discurso por uma série de formações imaginárias, que designam o lugar que o destinador e o destinatário se atribuem mutuamente (PÊCHEUX, 1990, p.18, apud GREGOLIN, 1995, p. 17).

É no discurso que a materialidade ideológica acontece, onde se manifestam as visões de mundo que guiam desde um só indivíduo a um grupo de indivíduos, tanto para o bem, quanto para o mal. Essa relação entre discurso e ideologia determina o que deve ser dito, a forma que deve ser dita, para quem deve ser dito, a partir de uma posição em determinada linha ideológica.

Empreender a análise do discurso significa tentar entender e explicar como se constrói o sentido de um texto e como esse texto se articula com a história e a sociedade que o produziu. O discurso é um objeto, ao mesmo tempo, linguístico e histórico; entendê-lo requer a análise desses dois elementos simultaneamente (GREGOLIN, 1995, p. 20).

A forma como usamos palavras para produzir sentido acerca do que planejamos expressar é atravessada pela subjetividade. O “como é dito” e “o que é dito” estão implicados dentro da construção textual chamada de discurso. “Como é dito” e “o que é dito”, como explica Ducrot (1978b), exprime a ideologia do sujeito, o que ele sente, pensa e quer realmente dizer a partir do seu discurso e posição de locutor. E esse sentido pode estar explícito ou implícito no discurso:

Ducrot (1978b) ressalta a existência, na linguagem ordinária, de uma estratificação do dizer: para se descrever o discurso de alguém não basta indicar o que a pessoa disse, mas também em que nível ela disse: o sentido “explícito” (aquele cuja transmissão é apresentada como objetivo do discurso) constitui, nas línguas naturais, apenas um nível semântico, de modo que, subjacentes a ele, podem-se dissimular outros níveis de significação “implícitos”. Além disso, existe um implícito “absoluto” – aquilo que se introduz por si mesmo no discurso e que o locutor diz sem que o queira e mesmo sem que o saiba – e um implícito “relativo”, interno àquilo que o locutor que dizer (KOCH, 2011, p. 24).

Koch (2011, p. 25) afirma que a comunicação nem sempre se dá de maneira transparente, com a única intenção de informar. O discurso vem carregado de “ditos”, e cabe ao receptor da mensagem interpretar a partir de suas experiências pessoais e coletivas. Nessa comunicação o receptor torna-se parte decisiva na concepção do sentido empregado pela construção do discurso. O leitor atento (instituído, experiente) identifica os implícitos subentendidos no que é expresso, avaliando a motivação, a posição e a ideologia de quem está se manifestando. Mas isso não ocorre com a maior parte da população, principalmente em países com baixo nível de

letramento (capacidade de leitura qualificada) como o Brasil. E não ter leitores críticos é estar à mercê de discursos com ação de influência sobre a sociedade, seja da mídia noticiosa, publicitária, ou do discurso político. Para Pêcheux, o discurso

[...] é sempre pronunciado a partir de condições de produção dadas [...]; é prática política, lugar de debate, conflito e confronto de sentido; surge de outros discursos, ao mesmo tempo em que aponta para outros. Não provém de uma fonte única, mas de várias (PÊCHEUX, 1997, p. 77).

Portanto, por meio da análise cuidadosa dos produtos midiáticos é possível extrair dos textos suas marcas ideológicas, levando à interpretação de sentidos antes implícitos e possibilitando a investigação da suposta ocorrência de racismo e preconceito de classe nas reportagens do G1 e do R7.

As categorias da AD escolhidas para serem aplicadas ao *corpus* selecionado foram os *índices de avaliação* (KOCH, 1992), e o *vocabulário* (MAINGUENEAU, 2008), mais produtivas, segundo investigamos, à análise do discurso desses programas. A intenção foi verificar quais as qualificações dadas ao suspeito e como o discurso o nomeia, com termos que substituem o seu nome. Também consideramos se há indicação da classe socioeconômica do sujeito, e por meio de qual vocabulário isso está presente no discurso; além da observação da imagem do suspeito, se é exibida na reportagem e de que modo. Cabe aqui analisar os produtos do processo linguístico, ou seja, o que o discurso pretende dizer ao público a partir de sua descrição de fatos, nomeação de sujeitos e menção à sua condição social, conjugada à construção de sentido das imagens nesses produtos audiovisuais.

O uso daquilo que chamamos de *índice de avaliação* no discurso, ou seja, a escolha de adjetivos, de qualificações para se referir a alguém, pode produzir uma avaliação positiva ou negativa. O ato de chamar determinado sujeito de *traficante*, ou de *empresário*, e de fazer referência à sua posição social no corpo de um texto, diz mais do que o discurso explicita. Koch (1992, p. 50), em relação ao conteúdo subjetivo que um discurso carrega, diz que ao tratar dos índices de avaliação, temos a “avaliação ou valoração dos fatos, estados ou qualidades atribuídas a um referente”. Logo, o discurso traz um juízo de valor conectado à ideologia do sujeito que produz tal fala.

Vale ressaltar que Koch (1992, p. 50), quando trata dos índices de avaliação, é mais incisiva quanto ao uso de adjetivos que tendem a intensificar algo em relação ao sujeito. Podemos entender melhor utilizando exemplos que a autora apresenta em sua obra para exemplificar o uso de adjetivos intensificadores: “O engenheiro realizou um *excelente* trabalho” e “O orador foi *extremamente feliz* em sua exposição” (grifo do original), como exemplo de valorização, ou seja, referência positiva. E como exemplo de desvalorização, ou referência negativa, podemos pensar em expressões comumente utilizadas nos produtos jornalísticos que são parte do corpus a ser analisado, como: *perigoso, violento e/ou traficante*.

É preciso que fique claro que não apenas adjetivos e advérbios criam efeitos de sentido apreciativos (de valorização ou de desvalorização), mas também os substantivos (nominalizações) utilizados, ou seja, podemos falar aqui de um aspecto mais amplo: a seleção vocabular, que englobaria tudo isso (SANTIAGO, 2018, p. 46; 47).

O estudo do vocabulário se mostra importante pelo impacto das palavras na construção do sentido. Ele envolve diretamente a *anáfora*, conhecida por ser a repetição de uma palavra ou grupo de palavras no início de duas ou mais frases sucessivas, para enfatizar o termo repetido; e também como processo pelo qual um termo gramatical retoma a referência de um termo anteriormente usado na mesma frase.

Índices de avaliação, vocabulário ou anáfora, são categorias que giram em torno da construção de sentido que o autor do discurso procura expressar para a sociedade, partindo de experiências próprias e do seu posicionamento ideológico. Busca-se especificamente por um vocabulário que seja uma ponte, um caminho para alcançar o receptor. A questão é que a imparcialidade é premissa no gênero reportagem jornalística e, sendo assim, é discutível que o ponto de vista dos apresentadores seja manifestado, considerando-se o poder de alcance e, portanto, também o poder de influência da mídia noticiosa.

Maingueneau aponta que o uso do vocabulário na mídia é extremamente bem pensado, pois envolve uma análise onde cada palavra se faz signo de interação com o leitor no discurso do autor, uma vez que, “além de seu estrito valor semântico, as unidades lexicais tendem a adquirir o estatuto de signos de pertencimento. Entre vários termos a priori equivalentes, os enunciadores serão levados a utilizar aqueles que marcam sua posição no campo discursivo” (MAINGUENEAU, 2008, p. 81, apud SANTIAGO, 2018, p. 51).

Esses recursos apontam para determinado sentido que se quer produzir. Nas reportagens são usados para fazer referência ao suspeito, atribuindo determinados valores a ele. Um vocabulário como *criminoso*, *traficante*, *bandido*, difere de *estudante*, *universitário*, *empresário*, entre outros, e caracteriza uma ênfase – em que podem estar implícitos o racismo e/ou o preconceito de classe –, ou um abrandamento, influenciando o processo de leitura muitas vezes já no início da reportagem.

Metodologia

Como o objetivo deste TCC foi identificar, nos Portais G1 e R7, o tratamento dado aos sujeitos envolvidos em ocorrências criminais iguais ou parecidas, quando possuem cor de pele e condições sociais diferentes, utilizou-se, conforme explicado, o método de Análise do Discurso, com foco nos índices de avaliação (negativos ou positivos), que são usados para qualificar o suspeito e, também, na escolha do vocabulário, no uso de termos que substituem seu nome e que são, muitas vezes, pejorativos. Além disso, conforme mencionamos, observamos se a imagem dos sujeitos aparece, e de que forma, além de possíveis referências à classe socioeconômica. Para as análises, foram escolhidas cinco reportagens veiculadas em cada portal, G1 (da Rede Globo) e R7 (da Record), no período de 2015 a 2021, em que foram identificados diferentes tipos de tratamento aos suspeitos.

Após as análises, comparamos os resultados entre as reportagens de cada veículo, observando as semelhanças entre elas, por meio da elaboração de quadros, para então comparar às análises do segundo veículo, o que apresentamos na Análise dos Dados e nos Resultados Finais deste trabalho. Formulou-se um primeiro quadro, a seguir, para explicar as categorias de análise que foram utilizadas, tratando brevemente de cada uma.

QUADRO 1: CATEGORIAS DE ANÁLISE

Índices de Avaliação	Vocabulário usado para nomear o suspeito, repetições de vocabulário	Vocabulário que identifica a classe socioeconômica	Imagem do sujeito
Identificar se há qualificações usadas para caracterizar o sujeito em destaque no discurso, e se são	Checar se o apresentador e/ou o repórter usam o nome do sujeito para se referir a ele, ou se usam outros termos. Verificar se esse	Localizar referências que apontem para a classe socioeconômica	O telejornal, no corpo da reportagem, mostra a imagem do sujeito? É válido

avaliações apreciativas ou depreciativas.	vocabulário se repete, e se reforça algum sentido nessa forma de referência.	do(s) suspeito(s), de modo apreciativo/depreciativo.	analisar se é mostrada e de que forma é mostrada, pois essa é uma forma de exposição pessoal.
---	--	--	---

A seguir, apresentamos cada reportagem com a transcrição do áudio dos repórteres e apresentadores, seguida da análise de cada uma. Optamos por não transcrever a matéria escrita, quando é acompanhada do vídeo da reportagem, pela repetição de conteúdo entre os dois. Nos casos em que só há a matéria escrita, ela foi transcrita e analisada.

Apresentação do corpus

Portal G1

<p>Portal G1 – Reportagem 1 – Publicada em 15/02/2021</p> <p>Link: https://g1.globo.com/es/espírito-santo/noticia/2021/02/15/apontando-como-lider-do-traffic-suspeito-e-presno-em-cariacica-es.ghtml</p>
 <p>Apontando como líder do tráfico, suspeito é preso em Cariacica, ES</p> <p>Junto com Wagner Douglas Mota Bastos, os policiais da Força Tática da PM encontraram duas armas e munição, além de um caderno com anotações sobre a contabilidade do tráfico.</p> <p>Por G1 ES 15/02/2021 07h36 · Atualizado há um mês</p>
<p>Transcrição do áudio da reportagem:</p> <p><u>Apresentador/Philippe Ramos</u>: O outro assunto, é que um dos traficantes mais procurados pela polícia foi preso, ontem à noite, lá em Cariacica.</p> <p><u>Repórter/Tiago Félix</u>: Já está preso Wagner Douglas Mota Bastos, o Batatinha, de 23 anos. Segundo a polícia, ele é o chefe do tráfico de drogas do bairro Itaquari, em Cariacica. Wagner era um dos bandidos mais procurados.</p>

Tenente Zuqui: Ele é um dos chefes do tráfico. Não é qualquer um que anda com caderno de contabilidade, né... ele controla tudo, anda com duas armas, ou seja, anda para proteção, né... é... tem um papel importante de liderança na região de Itaquari.

Repórter/Tiago Félix: Wagner estava nesse carro e foi abordado pelos policiais da força tática no início da noite desse domingo, no bairro Jardim Botânico, aqui em Cariacica. No carro estava também uma mulher de 24 anos, e um homem de 49, do Rio de Janeiro. Agora a polícia quer saber se há um tipo de ligação entre o tráfico de drogas do Estado carioca com o Espírito Santo.

Tenente Zuqui: A gente está vendo o histórico dele, se é do Rio de Janeiro e está aqui há pouco tempo? É do Rio de Janeiro e já tá aqui há bastante tempo? O fato é que ele não é daqui, é do Rio de Janeiro.

Repórter/Tiago Félix: A PM informou que Wagner já teve várias passagens pela polícia.

Tenente Zuqui: Já tem passagem por tráfico de drogas, porte ilegal de arma de fogo, receptação, já é um indivíduo conhecido, e agora tá com um mandado aberto por homicídio. Ou seja, é um indivíduo perigoso que a gente consegue com muito trabalho tirar das ruas.

Repórter/Tiago Félix: Valquíria Alves Cerqueira, de 24 anos, e o carioca, que se identificou como Henrique Souza Silva, o “Coroa”, de 49, foram levados para a delegacia de Cariacica. A polícia apreendeu com o trio um caderno com toda a anotação do tráfico de drogas.

Tenente Zuqui: Normalmente esses cadernos são a contabilidade do tráfico, né... então esse caderno é muito importante pra gente, inclusive, para levantar mais informações sobre outros autores ali, sobre aquelas pessoas que estão envolvidas no tráfico na região de Itaquari e na região onde ele andou primordialmente.

Repórter/Tiago Félix: A polícia apreendeu também duas armas, munição e dinheiro.

Apresentador/Philippe Ramos: Essas armas aí, eram um revólver calibre 38, e uma pistola, é claro, além da munição que a gente viu ali na imagem. Os suspeitos foram levados para a delegacia e autuados por tráfico de drogas.

Análise:

Ao longo do discurso fica clara a forma com que o suspeito é referenciado, como um indivíduo *perigoso*, que tem liderança em atividades criminosas e é reincidente penal. Formas que permitem, de acordo com Koch (1992), a intensificação da caracterização a partir do uso de adjetivos e substantivos. Dentre o vocabulário usado, na progressão do discurso, estão: *traficante, suspeito, bandido e líder/chefe do tráfico*, além do seu nome completo, apelido e idade. Quanto à imagem do indivíduo, logo na abertura da reportagem do ESTV 1ª Edição, é mostrada uma foto frontal, à frente da viatura da polícia, com os braços juntos, atrás das costas, permitindo pressupor que está algemado. Identifica-se que o sujeito é afrodescendente.

Portal G1 – Reportagem 2 – Publicada em 14/05/2020

Link: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2020/05/14/tres-suspeitos-de-venderem-drogas-sinteticas-de-alto-valor-em-bh-sao-presos-pela-policia-civil.ghtml>

≡ MENU G1

MINAS GERAIS

Três suspeitos de venderem drogas sintéticas de alto valor em BH, são presos pela Polícia Civil

Os homens de classe média alta são suspeitos de vender as drogas por aplicativo de mensagens; investigação durou 70 dias.

Transcrição da matéria (não há vídeo nesta reportagem):

Imagem

Legenda: Trio vendia drogas sintéticas pela internet e em festas.

A Polícia Civil (PC) prendeu, na manhã desta quinta-feira (14), três homens suspeitos de liderarem uma quadrilha que vendia drogas sintéticas em Belo Horizonte. Segundo a polícia, eles usavam um aplicativo de mensagens para vender a droga e faziam até entregas nas casas dos 'clientes'.

Os homens de 28, 24 e 21 anos foram presos em casa, na Região Centro-Sul da capital. Dois deles já tinham passagens pela polícia por tráfico de drogas.

A PC informou que os homens agiam de forma discreta e vendiam drogas diferentes, como LSD, ecstasy, lança perfume, seda com aroma de maconha e ácidos. A Polícia afirma que se surpreendeu com o tipo de droga comercializada, com o valor que custava e como eram consumidas por quem as comprava.

"Nos surpreendeu, principalmente, em relação ao perigo de usar a droga da forma como ela era vendida e pela quantidade que tinha em cada pacote", afirmou a PC.

Imagem

Legenda: Polícia Civil prende suspeitos de venderem drogas sintéticas em BH.

Os suspeitos vendiam a droga através de uma lista de transmissão em um aplicativo de conversa. No texto enviado para os 'clientes', eles citavam uma passagem bíblica no início e deixavam claro que a mensagem não tinha que ser compartilhada e toda a conversa devia ser apagada após o fim do pedido, logo após, listavam as drogas que disponíveis e os valores.

Imagem

Legenda: Quadrilha vendia drogas sintéticas através de um aplicativo de mensagem.

Além de vender a droga pelo aplicativo, os suspeitos vendiam os produtos em festas e faziam até entregas nas casas das pessoas.

Análise:

Pelo discurso, identifica-se que os indivíduos são traficantes, como outros, mas o vocabulário usado é diferente em relação à matéria já analisada do mesmo veículo. O uso de *comerciantes*, em comparação a *traficantes*, ameniza o delito. O discurso deixa implícita uma conduta refinada, e os três indivíduos são reconhecidos como *homens*, de modo neutro. Não são fornecidos os nomes dos envolvidos, mas sua classe socioeconômica é mencionada duas vezes, a primeira no subtítulo da matéria (*classe média alta*). A reportagem aponta que os indivíduos *foram presos em casa, na Região Centro-Sul da capital*, uma região nobre de Belo Horizonte, onde estão localizados bairros tradicionais como Savassi, Lourdes e Funcionários. Não há fotos dos envolvidos no corpo da reportagem, o que se pressupõe que pode estar ligado à condição socioeconômica do trio, que na matéria é menos exposto, pois nem os nomes nem as imagens são publicados.

Portal G1 – Reportagem 3 – Publicada em 19/01/2018

Link: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/suspeito-de-traffic-e-preso-com-cocaina-e-crack-na-regiao-da-pampulha-em-bh.ghtml>

≡ MENU | G1

MINAS GERAIS

Suspeito de tráfico é preso com cocaína e crack na Região da Pampulha em BH

Segundo PM, 600 pedras de crack e 430 pinos com cocaína foram apreendidos.

Transcrição do áudio da reportagem:

Apresentadora/Isabela Scalabrini: A polícia prendeu um homem suspeito de tráfico de drogas na região da Pampulha. Segundo a polícia, Lucas Henrique Lacerda Barbosa, foi abordado quando estava em uma moto, no bairro Manacás. Durante a conversa com os militares, ele teria confessado que era responsável por guardar a droga e fazer a distribuição em pontos de venda. No local onde o material era guardado, os policiais encontraram 600 pedras de crack e 430 pinos de cocaína prontos para venda. Além de um quilo de cocaína, que ainda seria preparado. Segundo a polícia, Lucas tinha no histórico algumas infrações de trânsito e já tinha uma passagem por ser usuário de drogas.

Análise:

O suspeito foi preso na região da Pampulha, mais exatamente no bairro Manacás, onde a população é de classe média e média-alta. Lucas tem cor de pele branca, é mostrado preso, algemado a algo parecido com um cano ou barra de ferro, o que o expõe, mas na imagem passa a impressão de estar bem, sem ferimentos ou maus tratos. Apesar de ter seu nome completo exposto na matéria, Lucas é referenciado como *homem, suspeito de tráfico de drogas* e como alguém que possui histórico policial, não havendo nenhuma indicação avaliativa e uso de vocábulos que o diminuam. Claramente envolvido com o tráfico, não é chamado de traficante, ou é feita qualquer alusão sobre sua periculosidade perante a sociedade.

Portal G1 – Reportagem 4 – Publicada em 10/02/2021

Link: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/02/10/policia-prende-trafficantes-que-escondiam-droga-em-placa-de-transito-no-centro-de-sp.ghtml>

≡ MENU G1

SÃO PAULO

Polícia prende traficantes que escondiam droga em placa de trânsito no Centro de SP

Venda de drogas ocorria na rua em plena luz do dia. Três homens foram presos em flagrante nesta terça (9).

Transcrição do áudio da reportagem:

Apresentador/Rodrigo Bocardi: Três homens foram presos nesta terça-feira, no centro da capital, suspeitos de tráfico de drogas. O que chama a atenção neste caso é o lugar onde a droga ficava guardada e a facilidade com que esses envolvidos tinham em vender a droga na rua, durante o dia.

Repórter/Malu Mazza: Allan José Lima dos Santos, de 41 anos, Nicolas Cunha da Silva e Lucas Pinheiro da Silva, os dois de 19 anos, foram presos em flagrante vendendo maconha no centro da capital. A polícia também foi até o quarto de hotel onde a droga era escondida. No total, foram apreendidos 1,5 kg de maconha. Allan Lima dos Santos já era procurado pela polícia. Há três semanas, numa operação na região central, investigados apreenderam drogas e armas num outro quarto de hotel. O traficante não estava lá, mas o nome dele aparecia no registro de hóspedes. Durante uma semana, o produtor Willian Santos, registrou o comportamento de Allan José Lima dos Santos e de outros integrantes da quadrilha em plena luz do dia. Allan Lima dos Santos é este homem que aparece de boné azul, caminhando pela rua Aurora. O ponto de venda de drogas dele ficava no mesmo quarteirão do 3º DP, a pouco menos de 300 metros da Polícia, e para guardar a droga, ele escolheu um lugar inusitado: atrás da placa de zona azul. Os compradores se aproximavam e recebiam a droga na calçada mesmo. Para o traficante, bastava se esticar um pouco para alcançar o pacote. A cena repetiu várias vezes, nessa imagem é possível ver um comprador de regata azul, ao lado do traficante, que para embaixo da placa, puxa o pacote, retira a droga de um saquinho, e entrega para o rapaz. Depois, recoloca o embrulho atrás da placa. Uma mulher também foi flagrada pegando a droga, ela se pendura na placa, tira o saquinho de lá, se senta e esconde a droga. Ao lado dela, outra mulher fuma maconha.

Análise:

A reportagem trata o caso de três homens presos por tráfico de drogas. Os três têm o nome completo publicado, além de várias imagens no vídeo e fotos na matéria escrita da página do G1. A exposição de Nicolas Cunha da Silva e Lucas Pinheiro da Silva, ambos de 19 anos, é menor, a imagem mostra os dois sendo encaminhados para a delegacia, algemados, mas sem mostrar o rosto. Já Allan José Lima dos Santos tem sua imagem, de frente, nas fotos e no vídeo, e é mostrado em flagrante traficando drogas a partir das imagens do cinegrafista afiliado ao G1.

Não há um vocabulário que faça alusão à classe socioeconômica dos três, que são afrodescendentes, pelo que se identifica nas imagens. O vídeo permite visualizar a região em que traficavam, o ponto, a população que transitava no local e até mesmo as roupas que os indivíduos usavam, o que aponta para uma condição socioeconômica mais humilde, mas não houve referência a ela. Quanto ao vocabulário, apesar de serem chamados inicialmente de *homens*, na sequência são usados o termo *traficantes* (três vezes), numa referência ligada à conduta, por meio de seleção vocabular que cria efeito de desvalorização dos sujeitos.

Portal G1 – Reportagem 5 – Publicada em 01/05/2020

Link: <https://g1.globo.com/pe/caruaru-regiao/noticia/2020/05/01/estudante-de-direito-e-detido-com-34-kg-de-maconha-e-tres-radio-comunicadores-em-floresta.ghtml>

≡ MENU G1

CARUARU E REGIÃO

Estudante de direito é preso por tráfico de drogas em Floresta, diz polícia; com ele foram encontrados 34 kg de maconha

Droga foi encontrada no porta-malas de um carro, segundo a Polícia Rodoviária Federal.

Transcrição da matéria (nesta reportagem não há vídeo):

Imagem

Legenda: Droga foi encontrada no porta-malas do carro, em Floresta

Um estudante de direito, de 20 anos, foi preso por tráfico de drogas com 34 kg de maconha e três rádios comunicadores, em Floresta, no Sertão de Pernambuco. Ele foi detido pela Polícia Rodoviária Federal (PRF) durante a Operação Tupã, que tem como objetivo combater a criminalidade, na quinta-feira (30).

De acordo com a Polícia Rodoviária Federal (PRF), durante a abordagem foi verificado que o carro tinha placas da Bahia e que a droga estava escondida no porta-malas do veículo. Os policiais ainda encontraram no automóvel três rádio comunicadores.

"O motorista informou que cursava o quinto período de direito em uma faculdade particular e que havia sido contratado para realizar o transporte da mercadoria. Ele também transportava R\$ 1.282 e um aparelho celular", conforme destacou a PRF.

Após ter sido encaminhado junto com a droga, os rádios e o dinheiro à Delegacia de Polícia Civil de Floresta, o estudante foi atuado em flagrante por tráfico de drogas e encaminhado ao presídio, de acordo com o delegado Roberto Fonseca.

Análise:

Há um discurso implícito, que parece maquiar a conduta do indivíduo, em referências como *estudante*, *estudante de direito* e *estudante de direito de uma instituição de ensino privada*, qualificações positivas, se comparadas a *traficante*, *bandido*, entre outras. A escolha do

vocabulário abona o sujeito, atenuando sua condição de suspeito, reforçando qualidades sociais, e informa até o período em que ele está no curso. Não há qualquer indicativo desqualificador, apesar de o suspeito ter sido preso com 34kg de maconha, uma considerável quantidade. Mesmo assim, não se apresentam os termos comumente utilizados para outros suspeitos que tenham a mesma prática.

Quanto à classe socioeconômica, está implícita na menção à *instituição de ensino privada*. Importante ressaltar que não há imagem do sujeito – não permitindo identificar se é de raça branca ou negra –, nem o nome ou referência a quem pertence o carro em que estava. Sobre ele é publicado apenas o percurso acadêmico, com ênfase, além da idade.

Portal R7

Portal R7 – Reportagem 1 – Publicada em 28/02/2018

Link: <https://recordtv.r7.com/balanco-geral-rj/videos/traficante-conhecido-como-gala-e-preso-na-zona-sul-do-rio-18022020>

Traficante conhecido como Galã é preso na zona sul do Rio

BALANÇO GERAL RJ
28/02/2018 - 17H24

COMPARTILHE:    

 A- A+

Transcrição do áudio da reportagem:

Apresentador/Tino Junior: Prisão de um dos maiores traficantes de armas e drogas da fronteira do Brasil com o Paraguai chocou os moradores de Ipanema. Sabe onde esse cara estava? Tá vendo que ele tá ali, com a canela tatuada? Tatuagem bonita, bem feita, pois é... ele estava em Ipanema, bairro nobre do Rio de Janeiro, frequentado por gente com muito ‘tutu’, artistas também, e o cara estava lá fazendo uma tatuagem. Aí você olha para a cara desse indivíduo, tem gente que tem preconceito, né, porque o cara é mais feioso e tals... quem diz que esse cara daí é um ‘bandidão’ perigoso? Ninguém diz! Ele se passava por um cliente num estúdio de tatuagem, olha só.

Repórter/Letícia Gil: Elton Leonel da Silva, tem 34 anos, e gostava de ter uma vida de classe média alta, de andar bem vestido, usar carros de luxo, e frequentar bons lugares. Para despistar a polícia, costumava usar documentos e nomes falsos, entre eles: Ronald Rodrigues Benites e Oliver Geovanni da Silva. Ele também é conhecido pelos apelidos de *galã*, *galante* e *paquito*. Nesta terça-feira, Elton Leonel tentou enganar os investigadores se passando por outra pessoa, mas não convenceu os agentes. O estúdio de tatuagem onde Elton Leonel da Silva foi preso é frequentado por pessoas famosas e fica aqui em Ipanema, um ponto nobre do Rio de Janeiro. De acordo com testemunhas, ele chegou acompanhado de uma mulher sem levantar nenhuma suspeita. Os dois conversaram por alguns minutos na portaria. Ela foi embora e ele subiu até o segundo andar, cerca de quarenta minutos depois a polícia chegou à procura do acusado. Este homem que preferiu não se identificar por questões de segurança, trabalha no mesmo edifício onde fica o estúdio de tatuagem.

Trabalhador no mesmo prédio: Nunca houve isso. É a primeira vez. Ele chegou perguntando onde ficava o estúdio de tatuagem, informei que era na sobreloja. Veio como qualquer outra pessoa.

Repórter/Letícia Gil: A ação foi feita por homens da Delegacia Especializada em Armas, Munições e Explosivos, a DESARME, após dois meses de investigação.

Delegado Fabrício Oliveira: Não estava armado, ele foi apreendido com um veículo de luxo, alguns relógios, e outros itens que foram trazidos para a delegacia.

Repórter/Letícia Gil: A polícia apura a atuação de Elton Leonel na fronteira do Paraguai com o Brasil, ele é suspeito de estar envolvido na morte do ex-líder do tráfico de drogas na região e a partir dali teria assumido o posto de comando. Jorge Rafacci, o *Rei da Fronteira*, foi assassinado em junho de 2016, numa ação cinematográfica em Pedro Juan Caballero, no Paraguai. Os assassinos usaram uma arma de guerra que perfura blindagem e derruba até avião. Por trás dessa emboscada, uma disputa pelo tráfico internacional envolve traficantes do Rio de Janeiro e de São Paulo.

Delegado Fabrício Oliveira: A partir da morte do Rafacci, ele começou a ser considerado como o grande chefe lá da fronteira, uma vez que ele que controla a fronteira, remessas de armas, munições e de drogas, para diversas facções aqui do Brasil.

Repórter/Letícia Gil: Em julho do ano passado, Elton Leonel foi alvo de um atentado que resultou na morte de quatro brasileiros em Pedro Juan Caballero. Teria sido atingido por dois disparos e sido levado a uma fazenda para se recuperar.

Delegado Fabrício Oliveira: Ele vai ser interrogado e num segundo momento a gente vai encaminhar ele para um local de custódia que ainda não vai ser divulgado por questões de segurança.

Apresentador/Tino Junior: Doutor, eu falei aqui sobre o aspecto, a carinha da criança, porque tem gente que tem preconceito, né? Vê um cara mais esquisito, “a cara de bandido”, esse daí se passava – não tô dizendo que é um cara bonito – mas se passava no nosso meio, assim, de pessoas medianas, como mais um. Sempre bem vestido, frequentando bons lugares, o que representa um grande risco. A gente nunca sabe quem está ao nosso lado, né, doutor?

Doutor e professor Ruchester Marreiros (delegado no Rio de Janeiro): É verdade, Tino. Você viu que teve uma matéria anterior a essa que o assaltante tinha traços que geralmente não se enquadram no estigmatizado, naquele etiquetado pela sociedade como criminoso. E hoje em dia a gente sabe muito bem que o criminoso, ele não tem escrito que é bandido na testa. Nós temos governadores criminosos, nós temos pessoas que estavam frequentando a alta sociedade e que são talvez, mais bandidos, mais vagabundos, do que esse daí.

Apresentador/Tino Junior: Concordo plenamente.

Análise:

O discurso da reportagem tem forte presença de significações implícitas, de sentidos velados, ligados a padrões estéticos estereotipados presentes na sociedade. Entre os termos usados para fazer referência ao suspeito, estão: *um dos maiores traficantes, grande chefão, bandido*, ao mesmo tempo que é qualificado (índices de avaliação) como: *bonito, carinha de criança*, o que está ligado à aparência. O sujeito tem pele branca e está, como diz a própria reportagem, *bem vestido*.

O apresentador menciona, de modo politicamente incorreto: *tem gente que é mais feioso*, colocando este grupo, em oposição ao suspeito, como o padrão estético da criminalidade. E ao final da matéria, o convidado (Marreiros) reforça os estereótipos, explicando que alguns *criminosos têm traços que geralmente não se enquadram no estigmatizado, naquele etiquetado pela sociedade como criminoso*. Subentende-se que se referem à população com cor de pele negra. O discurso da reportagem usa o nome do sujeito para se referir a ele, além de *cara e indivíduo*, assim como revela os nomes falsos e os apelidos (*galã, paqueto, galante*).

Em relação à classe socioeconômica, o suspeito é sempre associado a poder aquisitivo, o que se verifica no vocabulário: *veículo de luxo, alguns relógios*, além de frequentar o bairro Ipanema, *ponto nobre* do Rio de Janeiro, como ressalta a repórter. A matéria também acrescenta que levava uma vida de *classe média alta*.

O sujeito tem sua imagem exposta várias vezes no vídeo, após ter sido algemado numa instalação policial. A mesma imagem dele sendo conduzido pelo delegado aparece três vezes no início da matéria e mais seis vezes ao longo do vídeo – repetições que ilustram o que é dito no áudio, mas que surpreendem pela redundância. Também é apresentada a mesma cena, cinco vezes, num enquadramento de trás. Identifica-se, assim, uma ênfase na imagem que faz par com

a insistência, no discurso da reportagem, no debate sobre a estética do suspeito ser dissociada de uma estética padrão dos contraventores – o que remete aos casos das pessoas negras mortas nas reportagens citadas na Fundamentação deste trabalho.

Portal R7 – Reportagem 2 – Publicada em 20/10/2018

Link: <https://recordtv.r7.com/cidade-alerta/videos/estudantes-de-medicina-sao-presos-por-trafico-de-heroina-20102018>

Estudantes de medicina são presos por tráfico de heroína

CIDADE ALERTA

20/04/2017 - 20H59 (ATUALIZADO EM 20/10/2018 - 18H56)

COMPARTILHE:    

 A- A+

Transcrição do áudio da reportagem:

Apresentador/Marcelo Rezende: Esses aqui. Quinto ano de medicina. Falta um ano só. O que eles fazem? Tem uma substância que se usa pro câncer e essa substância, pra quem não está doente, cria uma euforia absurda. Eu não vou dar o nome. Se bem que, a reportagem, deve dar o nome imprudentemente, porque eu acho que nessa hora não se pode dar nome. É como por exemplo, eu pelo menos sigo isso: eu não dou nome à substância, eu não falo o valor do resgate de sequestro e eu não dou valor de apreensão de drogas. Por que? Porque eu acho que isso é um estímulo. Eu vou lamentar que a reportagem fatalmente vai dar o nome, mas eu vou te dizer: eu sou contra! Falar que pagou ‘x’ pelo sequestro, um monte de moleque que está começando no crime e que talvez possa ir para outro rumo, começa a descobrir uma indústria. Essas coisas deveriam ser normas reguladas para toda a imprensa, porque eu acho que isso é um estímulo. Mas esses dois aqui, quinto ano de medicina, falta um, o que eles fazem? Eles usam receitas falsas para comprar a tal substância que já vem sendo conhecida como ‘heroína caipira’. Tem um circuito de segurança que mostra – mostra aí o circuito – esse aí, é o momento em que um deles assina a receita com um carimbo clonado de um professor. Exatamente isso. E ele coloca o nome dele ou do parceiro. Por que eles acabaram presos? De tanto eles irem às mesmas farmácias, um funcionário suspeitou e foi assim que o funcionário chamou a polícia. Eram receitas que não pertenciam a eles e o carimbo era clonado de um professor. Põe no Cidade.

Repórter/Mayara Folco: As imagens de segurança de fora da farmácia gravaram o momento em que o suspeito, dentro do carro preto, escreve e carimba um papel. O que parece ser uma cena comum, para a polícia civil é a prova de um crime. O motorista do carro foi identificado como Fernando Henrique Silveira, de 28 anos, estudante do décimo período de medicina de uma

faculdade privada em Vespasiano, na região metropolitana. Ele estuda na mesma sala que Marcelo Botelho Reis, de 29 anos. Os dois colegas são suspeitos de montar um esquema de falsificação de receitas médicas, para comprar remédios para o tratamento de doenças graves.

Delegada/Cristina Angelina: É uma substância cuja droga é nova ainda no Brasil. Sendo conhecida lá fora, nos Estados Unidos como a ‘heroína caipira’. Tá sendo de uso indiscriminado fora do país e no Brasil é uma substância nova ainda. É um analgésico bem forte.

Repórter/Mayara Folco: Para falsificar as receitas, os universitários clonaram o carimbo de um professor.

Delegada/Cristina Angelina: O número de controle, o CRM desse médico, e a partir disso, fizeram o uso indiscriminado desse carimbo. Foram apreendidas mais de cem receitas carimbadas em branco com o carimbo deste médico.

Repórter/Mayara Folco: A participação desse professor no esquema foi descartada. Segundo as investigações, os alunos também falsificaram os receituários dos hospitais onde faziam estágio. Os funcionários das farmácias desconfiaram da grande procura pelos medicamentos e acionaram a polícia. Eles disseram que os estudantes apresentavam comportamento estranho sempre que compravam o remédio. Todo este material foi apreendido na casa dos suspeitos. O carimbo clonado e os mais de cem receituários falsificados. De acordo com as investigações, em apenas três meses, a dupla adquiriu cerca de doze medicamentos na mesma farmácia. Os universitários foram presos em flagrante, mas foram liberados três dias depois, após uma audiência de custódia. Eles vão responder pelos crimes de falsificação de documento público e tráfico de drogas. As investigações continuam e a polícia acredita que outras farmácias podem ajudar a identificar fraudes.

Análise:

Ainda que no final da reportagem os suspeitos sejam apontados como *traficantes*, não há nenhuma outra referência a eles que esteja ligada à conduta, ou que desabone os dois homens. Os outros termos, além dos nomes, são positivos: *estudantes*, *quinto ano de medicina*, *universitários*, sempre ressaltando a ligação com o curso de prestígio.

Quanto à classe socioeconômica, são grandes as chances que eles integrem a parcela social que é classe média alta. São brancos, têm quase 30 anos de idade e estão matriculados num dos cursos superiores de maior prestígio na sociedade, em uma instituição de ensino privada, o que diz muito sobre a condição dos dois. Quanto à imagem dos suspeitos, eles não são mostrados algemados ou em posição acuada, e na imagem feita por uma câmera de segurança, em que um deles está dentro do carro, não é possível visualizar seu rosto.

Portal R7 – Reportagem 3 – Publicada em 28/11/2018

Link: <https://noticias.r7.com/minas-gerais/balanco-geral-mg/videos/estudante-de-quimica-e-suspeito-de-traffic-28112018>

Estudante de química é suspeito de tráfico

BALANÇO GERAL MG
28/11/2018 - 15H55

COMPARTILHE:    

 A- A+

Transcrição do áudio da reportagem:

Apresentador/Mauro Tramonte: Um estudante de química foi preso em Belo Horizonte, suspeito de tráfico de drogas especiais. Segundo a polícia, o universitário importava produtos de países da Europa – gente do céu – e preparava misturas de acordo com o perfil do cliente. Olha quanta coisa a polícia prendeu.

Repórter/Mayara Folco: O material apreendido pela polícia foi encontrado na república onde o universitário morava.

Delegado Wagner Pinto: É uma república exclusiva para estudantes da UFMG, aqui no bairro São Francisco, e ele tinha o seu quarto, sua acomodação. E lá, ao cumprimos o mandado de busca e apreensão, conseguimos apreender essa grande quantidade de drogas avaliadas em torno de R\$ 400 mil, balança de precisão, e tinham vários instrumentos químicos para que ele pudesse fazer o manuseio e preparo dessas drogas.

Repórter/Mayara Folco: De acordo com o Delegado, Mateus Teixeira de Souza, de 30 anos, tem um perfil diferente de outros traficantes.

Delegado Wagner Pinto: Os traficantes que nós geralmente trabalhamos aqui são pessoas envolvidas em aglomerados e que fazem a mercancia de crack, cocaína e de maconha. Esse indivíduo que nós conseguimos prender em flagrante delito, é um indivíduo de classe média alta.

Repórter/Mayara Folco: O homem é estudante do nono período de química da UFMG. De acordo com as investigações, ele comprava as substâncias químicas proibidas pela ANVISA pela internet e misturava o material para produzir drogas especiais, de acordo com o pedido de cada cliente.

Delegado Wagner Pinto: Ele adquiria produtos químicos do leste europeu, Polônia e Holanda principalmente, e essas drogas eram vendidas principalmente para estudantes e também para pessoas que fazem festa *rave*, baladas e festas eletrônicas.

Repórter/Mayara Folco: As drogas fabricadas pelo universitário eram listadas em uma espécie de cardápio em um site da internet. Os produtos eram caros.

Delegado Wagner Pinto: R\$ 65 o grama, né, a vanilla kush é a maconha bastante concentrada e ela tem um alto valor econômico. E essas drogas químicas geralmente são drogas caras, né, para você ter uma ideia, um comprimido de MD/MA custa em torno de R\$ 50 reais. O LSD, acima de R\$ 50.

Repórter/Mayara Folco: No site onde as drogas eram comercializadas, o universitário orientava os clientes a pesquisar os efeitos de cada substância. O pedido mínimo era de R\$ 50. Para o delegado, o suspeito assumiu a venda do material.

Delegado Wagner Pinto: Ele assume a comercialização. Ele até explica que esses componentes químicos chegam a ele através dos correios. A alegação dele é de que esse tipo de mercancia é lícita, mas na realidade são componentes proibidos pela ANVISA, e enquadra-se no art. 33 da lei antidrogas.

Repórter/Mayara Folco: O estudante foi monitorado por seis meses. Segundo o delegado, a investigação desse tipo de tráfico é difícil e muitas vezes o crime passa despercebido.

Delegado Wagner Pinto: Ele pode encaminhar um determinado produto através dos correios, com destinatário com nome falso, a mercadoria chega e passa despercebido. Logicamente esse indivíduo utilizava desse elemento facilitador, caso o produto fosse pilhado ou pego, passaria despercebido.

Análise:

Sobre os índices da avaliação e os vocábulos usados, o homem é suspeito de tráfico de drogas, foi pego em flagrante delito, confessou, mas em nenhum momento da reportagem é chamado de traficante ou é feita alguma avaliação depreciativa. Entre o vocabulário usado para fazer referência a ele, estão: *homem, indivíduo, estudante, universitário, estudante de química e estudante da UFMG*, atenuando sua condição de suspeito com a valorização acadêmica.

O delegado refere-se a ele como alguém com um perfil diferente de outros traficantes, e afirma: *Os traficantes que nós geralmente trabalhamos aqui são pessoas envolvidas em aglomerados e que fazem a mercancia de crack, cocaína e de maconha. Esse indivíduo que nós conseguimos prender em flagrante delito, é um indivíduo de classe média alta.*

Importante ressaltar que o suspeito não tem seu nome revelado na reportagem, e sua imagem também não é mostrada. É indicado que o suspeito é da classe média alta e que fazia uma grande circulação de dinheiro com suas mercadorias.

Portal R7 – Reportagem 4 – Publicada em 30/11/2020

Link: <https://recordtv.r7.com/balanco-geral-rj/videos/traficante-presos-em-praia-foi-monitorado-pela-policia-segundo-delegado-30112020>

Traficante preso em praia foi monitorado pela polícia, segundo delegado

BALANÇO GERAL RJ
30/11/2020 - 17H41

COMPARTILHE:    

 A- A+

Transcrição do áudio da reportagem:

Apresentador/Tino Junior: Novas informações sobre a prisão do gerente do tráfico da Mangueira: o cara foi pego no quebra mar, pertinho da praia do Amor, rapaziada da décima sétima delegacia chegou junto. O doutor Márcio Esteves, titular da delegacia, estava na operação, atuou na operação, foi um exemplo. Eu quero dar os parabéns, de antemão, ao doutor Márcio, fera bravíssima, tava lá com o pé na areia, foi junto com a equipe no domingo de sol. O doutor podia tá com a família, mas o doutor foi junto, aí, prisão importante. O doutor tava lá com a mão na massa e a gente precisa de gente assim. É por isso que eu digo: a Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro é orgulho do nosso estado e do nosso país.

Repórter/Michele Maia: Oi Tino, boa tarde para você e todo mundo que acompanha o Balanço Geral. Como você disse, mais uma ação muito bem sucedida da Polícia Civil, que acabou na prisão do lago Figueiredo, de 27 anos. Como você disse, estou aqui com o doutor Márcio Esteves, que estava à frente dessa investigação e também nessa prisão e é ele quem vai dar os detalhes para a gente. Boa tarde, doutor, como é que foi todo esse planejamento até chegar na prisão do Iago?

Delegado Márcio Esteves: O Iago é um traficante que já tem histórico no mundo do crime. Ele já atuou no morro do Preventório, em Niterói; já atuou no morro da Formiga, como segurança pessoal do traficante Nego; e hoje ele atua como gerente de tráfico no morro da Mangueira, na localidade conhecida como 'da Prata'. O Iago é um traficante violento, atua diretamente nos confrontos com a polícia militar, quando há incursões, e nós vínhamos monitorando ele há cerca

de 15 a 20 dias, dentro da comunidade. Mas, como nós sabíamos que há sempre um efeito colateral, um estresse naquela comunidade com qualquer operação da polícia, então nós monitoramos e sempre esperamos a melhor oportunidade para capturar o nosso alvo.

Repórter/Michele Maia: Agora, ele também é especialista, né, em roubos de lojas de departamentos?

Delegado Márcio Esteves: Sim, sim. Ele atua também em roubos de lojas de departamento e centros de distribuição.

Repórter/Michele Maia: E agora, quem é que estava com ele no momento da prisão? Familiares, havia outros traficantes também?

Delegado Márcio Esteves: Quando nós localizamos ele na praia dos Amores, nós observamos que ele estava com a esposa, com os filhos, e parece que tinham mais dois ou três amigos com ele tomando cerveja.

Repórter/Michele Maia: Agora, doutor, a gente viu que foi uma ação muito rápida da polícia e teve que ser muito cautelosa também, né? Já que havia outros banhistas também na praia e corriam risco de acontecer um tiroteio naquele local.

Delegado Márcio Esteves: Sim. Hoje nós atuamos muito com planejamento, inteligência, planejamento e ação. A partir do momento que o setor de inteligência localizou ele na praia dos Amores, nós nos dirigimos imediatamente para aquela localidade, conseguimos identificá-lo em meio à multidão, que é uma coisa muito difícil de fazer e esperamos cerca de 3 a 4 horas para nós atuarmos. Por que? Nós esperamos a praia esvaziar o máximo possível. Quando nós percebemos que ele estava mais à vontade, nós, imediatamente – com todo planejamento – agimos com força total. Fomos diretamente nele, pegamos ele e o tiramos da praia, antes que ocorresse qualquer reação das pessoas na praia.

Repórter/Michele Maia: Ele mesmo, não tentou reagir?

Delegado Márcio Esteves: Ele tentou reagir. Tentou levantar da cadeira. Mas, como ele viu três policiais, mais outros dois fazendo a cobertura, ele percebeu que não tinha como reagir à situação.

Repórter/Michele Maia: Ele não estava armado?

Delegado Márcio Esteves: Não, ele não estava armado.

Repórter/Michele Maia: Agora, doutor, uma dúvida que fica, né? Ontem foi dia de eleições em todo o país, ele poderia ser preso? Já que não foi em flagrante?

Delegado Márcio Esteves: O Iago é evadido do sistema prisional, nós pesquisamos o título de eleitor dele e está suspenso. Então, ele não iria votar, não teria o seu direito de voto prejudicado, já que ele não pode votar.

Repórter/Michele Maia: Doutor, muito obrigada. Parabéns pela atuação. Tino, mais uma atuação bem sucedida da Polícia Civil. Tá aí, Iago Figueiredo, 27 anos, preso, mais uma vez, Tino.

Análise:

Na reportagem, o vocabulário escolhido para fazer referência ao suspeito é: *traficante, gerente, especialista, evadido, ladrão (atua também em roubos)*. Além desses, que reforçam a condição de perigoso à sociedade, o nome do suspeito é utilizado repetidas vezes. Entre as qualificações depreciativas, está *violento*, e outras, identificadas pelo sentido de alta hierarquia no mundo do tráfico, pois desempenha funções importantes, como *segurança pessoal do traficante Nego*.

O homem tem cor de pele negra e sua imagem é exibida por diversas vezes durante a reportagem, inclusive é mostrado o exato momento em que ele é retirado da praia pelos policiais, na presença da família (esposa e filhos) e de amigos, diante dos outros frequentadores. Também quando chega ao posto policial, e nas duas situações é mostrado algemado. No restante da reportagem ainda são exibidas fotos do suspeito no dia a dia, por sete vezes; que se intercalam com imagens do delegado e com o vídeo da prisão na praia, repetido oito vezes na edição; também foram mostradas fotos do suspeito chegando preso à delegacia por três vezes.

Portal R7 – Reportagem 5 – Publicada em 15/10/2015

Link: <https://recordtv.r7.com/balanco-geral-manha/videos/traficante-pao-com-ovo-e-presno-no-ceara-20102018>

Traficante "Pão com Ovo" é preso no Ceará

BALANÇO GERAL MANHÃ

15/10/2015 - 09H26 (ATUALIZADO EM 20/10/2018 - 21H13)

COMPARTILHE:



🔊 A- A+

Transcrição do áudio da reportagem:

Apresentado/Luiz Bacci: Um traficante conhecido como "Pão com Ovo", foi preso vivendo no luxo. Ele se passava por jogador de futebol internacional, olha a cara de pau!

Repórter/Isabelle Saleme: Uma vida de luxo. Era nesse prédio de alto padrão, na área nobre de Fortaleza, na capital cearense, que se escondia um dos traficantes mais procurados de Niterói. Ele só andava em carros caros, este, está avaliado em R\$ 90 mil.

Coronel Fernando Salema: Talvez isso tenha despertado a curiosidade dos moradores, despertado também a das autoridades.

Repórter/Isabelle Saleme: De acordo com as investigações, o criminoso estava no Nordeste há três anos, ele morava com a mulher e a filha, e fingia ser jogador de futebol nos Emirados Árabes, por isso, estava sempre ostentando. Luiz Cláudio Gomes, de 41 anos, conhecido como “Pão com Ovo”, foi abordado por agentes da Delegacia de Roubos e Furtos do Ceará, ao sair de uma igreja com a família. Pão com Ovo já vinha sendo monitorado pela polícia, ele é acusado de ser chefe em uma grande facção criminosa no Rio. Ele atuava aqui na comunidade Nova Brasília, em Engenhoca, Niterói, região metropolitana. Luiz Cláudio era considerado um dos traficantes mais sanguinários da região quando foi preso em 2011, pelo assassinato e sequestro de uma estudante de 18 anos. Segundo investigações da polícia civil, em 2011, Pão com Ovo planejava executar o então Secretário de Assuntos Penitenciários, Cesar Rubens Monteiro de Carvalho. O disque denúncia oferecia, na ocasião, recompensa de mil reais por informações sobre o paradeiro dele.

Análise:

Há um sentido implícito na construção do discurso ao apontar que um homem negro, independentemente de sua conduta perante a sociedade, desperta a atenção por morar em uma área nobre de Fortaleza, em um prédio de alto padrão, o que é uma significação problemática. Teria o negro um lugar específico onde deve residir? Fica reforçado no discurso que existe o estigma social de estranhamento quando alguém que faz parte costumeiramente das classes sociais mais baixas, ascende de alguma forma, e acessa lugares de maior poder aquisitivo, como morar na zona sul de uma capital. Como disse o coronel: *Talvez isso tenha despertado a curiosidade dos moradores*. Portanto, a partir das atividades ilícitas o suspeito ascendeu à classe média alta, segundo a reportagem, que cita quatro vezes que o homem vivia em meio ao luxo.

Entre o vocabulário usado para fazer referência a ele, e os índices de avaliação depreciativos, estão: *chefe de uma grande facção criminosa, sanguinário, cara de pau, mais procurado, criminoso*. Importante ressaltar que o suspeito tem seu nome revelado e também seu apelido, repetido ao longo da reportagem.

Quanto à sua imagem, uma foto é mostrada quando foi preso, tendo os ombros juntos e as mãos para baixo, dando a impressão de que estava algemado. No início da reportagem, um vídeo mostra o corpo e depois só o rosto; ele se repete ao final da reportagem, começando pelo rosto.

Depois, são exibidas fotos consideradas como “padrão” em prisões, onde o suspeito fica em pé à frente de um fundo policial. Além disso, também é exibido o cartaz de “procurado”, sobre o suspeito, por três vezes.

Análise dos Dados

Começamos por criar quadros com as categorias, para visualização da análise de cada programa, em cada veículo, observando as semelhanças e diferenças. Depois comparamos os dois quadros, comentando os resultados encontrados.

QUADRO 2: ANÁLISES DO G1

	Índices de Avaliação	Vocabulário usado para fazer referência ao suspeito, repetições	Vocabulário que identifica a classe socioeconômica	Imagem do sujeito e cor da pele
Reportagem 1 <i>Apontando como líder do tráfico, suspeito é preso em Cariacica, ES</i>	Mais procurado, chefe do tráfico, papel importante de liderança, perigoso.	Nome e apelido, traficante.	Não há.	É mostrada a imagem e é possível identificar que a cor da pele do suspeito é preta.
Reportagem 2 <i>Três suspeitos de venderem drogas sintéticas de alto valor em BH, são presos pela Polícia Civil</i>	Lideram uma quadrilha.	Trio, suspeitos, homens.	Os indivíduos são apontados como moradores da região centro-sul de Belo Horizonte, uma região nobre.	Não é mostrada imagem e não é possível saber a cor da pele dos suspeitos.
Reportagem 3 <i>Suspeito de tráfico é preso com cocaína e crack na Região da Pampulha em BH</i>	Usuário de drogas	Nome, suspeito, homem.	Não há.	É mostrada a imagem e é possível identificar que a cor da pele do suspeito é branca.
Reportagem 4 <i>Polícia prende traficantes que escondiam droga em placa de</i>	Traficantes, criminosos.	Homens, suspeitos.	Não há.	É mostrada imagem e é possível identificar que a cor da pele

<i>trânsito no centro de SP</i>				dos suspeitos é preta.
Reportagem 5 <i>Estudante de direito é preso por tráfico de drogas em Floresta, diz polícia; com ele foram encontrados 34 kg de maconha</i>	Estudante de direito.	Motorista, estudante.	É apontado que o mesmo é estudante de uma instituição privada de ensino superior.	Não é mostrada imagem e não é possível saber a cor da pele do suspeito.

O Portal G1 mostra padrões diferentes conforme os casos apresentados. No caso onde o suspeito é confirmadamente negro (fato validado pela imagem), o jornal não usa vocabulário e índices de avaliação que possam amenizar a situação, o que corrobora Ribeiro (1999), quando diz sobre “um sistema que estrutura determinado imaginário social, pois estaremos falando de poder e controle”. O texto traz alcunhas pejorativas e acentua-se a conduta ilícita com termos como *liderança* ou *chefe* de uma atividade criminosa. A imagem dos suspeitos é mostrada, e na referência a eles usa-se *traficantes*, *criminosos* e *bandidos*.

A sociedade brasileira trabalha com “escala de cores”, por isso, é possível especular que quando o G1 suprime dados como fotos dos suspeitos, nomes, entre outras formas de identificação, mas escolhe palavras/expressões que permitem determinar a sua condição socioeconômica, estamos falando de pessoas com a cor de pele branca.

De acordo com as análises, suspeitos envolvidos em atividades semelhantes, mas com maior quantidade de drogas, foram mostrados como pertencentes a classes sociais mais altas, com acesso à educação superior, de qualidade e particular, além de residir em regiões nobres de suas cidades. Estes exemplos recebem índices de avaliação e vocabulário capazes de amenizar a conduta. Nesses casos, os suspeitos estão ligados a atividades consideradas positivas pela sociedade, como estudantes de graduação, mesmo tendo transgredido a lei.

QUADRO 3: ANÁLISES DO R7

	Índices de Avaliação	Vocabulário usado para fazer referência ao suspeito, repetições	Vocabulário que identifica a classe socioeconômica	Imagem do sujeito e cor da pele
Reportagem 1 - <i>Traficante conhecido como Galã é preso na zona sul do Rio</i>	Maiores traficantes, “bandidão” perigoso, galã, galante, paquito, grande chefe, carinha de criança, bonito.	Traficante, nome e também nomes falsos, acusado.	Vida de classe média alta; Ipanema, bairro nobre do Rio de Janeiro; veículo de luxo, alguns relógios.	É mostrada a imagem e é possível identificar que a cor da pele do suspeito é branca.
Reportagem 2 - <i>Estudantes de medicina são presos por tráfico de heroína</i>	Estudantes de medicina.	Nome, suspeito, estudante, motorista, universitários.	Faculdade privada em Vespasiano.	É mostrada imagem e é possível identificar que a cor da pele dos suspeitos é branca.
Reportagem 3 - <i>Estudante de química é suspeito de tráfico</i>	Estudante de química, estudante da UFMG, perfil diferente dos outros traficantes.	Universitário, homem.	Classe média.	Não é mostrada imagem e não é possível saber a cor de pele do suspeito, apenas especular devido à classe socioeconômica.
Reportagem 4 - <i>Traficante preso em praia foi monitorado pela polícia, segundo delegado</i>	Gerente do tráfico, violento, especialista, evadido.	Nome, gerente, traficante, homem.	Suspeito sempre ligado às comunidades carentes do Rio de Janeiro.	É mostrada a imagem e é possível identificar que a cor da pele do suspeito é preta.
Reportagem 5 - <i>Traficante "Pão com Ovo" é preso no Ceará</i>	Cara de pau, mais procurado, chefe em uma grande facção criminosa, mais sanguinário, criminoso.	Nome, apelido, traficante.	Prédio de alto padrão na área nobre de Fortaleza, carros caros.	É mostrada a imagem e é possível identificar que a cor da pele do suspeito é preta.

O R7 tem uma forma peculiar de fazer jornalismo por ser mais “povão”, destinado a um público que prefere uma linguagem mais popular. Tem apresentadores que podemos considerar como irreverentes, que falam o que pensam e se expõem mais, em programas veiculados em rede nacional.

Na linguagem de seus produtos identifica-se um discurso atrelado a estereótipos, que perpetua padrões estéticos, por exemplo na referência enfática à *beleza* de um dos suspeitos, que é de raça branca. De fato, não há nada que amenize a conduta do sujeito, mas precisamos levantar a questão: chamar um suspeito de *carinha de criança* é uma expressão que se contrapõe a *pessoas mais feias*, implicitamente de pele preta, com mais cara de *bandidão*. Identifica-se o preconceito velado no seu discurso, o que mostra muito sobre o jornal e a sua ética. O discurso pode convencer sem que o telespectador/internauta se dê conta, e nesse caso específico mostra-se distanciado de questões como o respeito à diversidade.

Vale ainda ressaltar a exposição da imagem dos suspeitos. O R7, em uma das matérias analisadas, debate bastante o que é a estética do criminoso. Quando branco, chegam a ficar incrédulos que o sujeito possa ser de fato suspeito dos crimes que cometeu, e sua imagem é mostrada insistentemente, fazendo referência implícita ao fato de que um homem branco não poderia ser um *bandidão*. Mas, quando a imagem de um homem negro foi repetidamente mostrada no jornal, não houve incredulidade do apresentador ou de qualquer outra pessoa envolvida na matéria. O homem é exposto sendo preso, sendo levado algemado à delegacia e suas fotos no dia a dia também são mostradas, enquanto a matéria usa índices de avaliação depreciativos para qualificá-lo.

Outra característica muito marcante do R7, relativa aos ensinamentos de Koch (1992) acerca dos adjetivos intensificadores, é que o jornal faz uso e chega a abusar deles no discurso. Em uma das matérias são usados os seguintes: *mais* procurado, *chefe* em uma grande facção criminosa, *mais* sanguinário. E essa referência é a um homem negro. A conduta do caso era a de tráfico de drogas, assim como a de outro exemplo, mas onde os suspeitos possuíam cursos de graduação quase completos (química e medicina). Parece, neste segundo exemplo, que deixaram de ser traficantes para serem abonados devido aos estudos, sendo chamados, ao longo da reportagem, de *estudantes* e *universitários*. Nesse caso, os nomes não foram citados, mas a condição socioeconômica sim, permitindo concluir (com base no discurso) que são de classe média ou alta.

Como se pode observar, os padrões do R7 são muito claros em seu discurso, desde que o telespectador/internauta seja capaz de fazer uma leitura crítica.

Resultados finais: Comparativo das análises dos dois veículos

Ao longo das análises, foi possível perceber que os veículos tendem a tratar de forma diferente os envolvidos em ocorrências criminais iguais ou parecidas, quando possuem cor de pele e condições socioeconômicas diversas. Logo, a máxima de “pesos iguais e medidas diferentes” é real. O Brasil sofre historicamente do mal que é o racismo, uma estrutura social de poder onde grupos dominantes se colocam em posições mais favoráveis a partir de práticas culturais, institucionais e econômicas, para garantir o bem público da respeitabilidade social, um privilégio branco, prejudicando ao longo do tempo a parcela preta da sociedade.

E falando da estrutura sociocultural e econômica da sociedade brasileira, cabe lembrar que racismo em nossa sociedade é regra e não exceção, onde temos os grupos hegemônicos ainda resistentes a ceder espaço para os demais, com críticas e ódio às políticas sociais que possam alavancar indivíduos da pobreza e da marginalidade, dando condições para que se desenvolvam de forma digna, com acesso à educação e o atendimento a outras necessidades básicas. Logo, no imaginário social predominante, mesmo com alguns inegáveis avanços das últimas décadas, ainda temos a maioria da população negra brasileira sendo vista e tratada como inferior.

Neste trabalho foi feita uma análise de dois produtos midiáticos que o jornalismo exhibe todos os dias à população brasileira. E quando olhamos o último censo sobre o perfil dos profissionais da área, a parcela de raça negra do corpo jornalístico brasileiro era de apenas 23%. Ainda falta representatividade para os negros e também para os mais pobres, visto os dados que mostram que os dois grupos estão muito integrados quando olhamos o problema da pobreza, já que participam dos 32,9% da população com renda diária inferior a US\$ 5,50.

O jornalismo tem responsabilidades inegáveis com a sociedade, fornecendo diariamente informação que pode ajudar a agregar valores de cidadania, de democracia, de equidade e de igualdade, ao invés de perpetuar a segregação. A sociedade tem o direito a informações honestas e completas, isentas, éticas – é o que se espera dos profissionais de jornalismo.

Constata-se que ainda precisamos evoluir na forma com que o jornalismo trata os indivíduos de raças diferentes em casos de transgressão às leis. O discurso do Portal G1 e do Portal R7 oscila quando os suspeitos são de raça branca ou negra. Ao analisarmos os índices de avaliação e o

vocabulário, podemos ver que existem diferenças de tratamento entre suspeitos que possuem condição socioeconômica melhor, têm a pele branca, são de classe média ou alta. Na referência a estes o discurso é mais ameno, menos exposto, e até elogioso. Ressalta-se o que é valorizado pela sociedade, como *empresário, estudante, morador da zona sul*.

Por outro lado, em se tratando da parcela da população com condição socioeconômica inferior, que coincide, em sua maioria, com aqueles de pele negra, o tratamento é direto, os índices de avaliação e o vocabulário usados para se referir ao sujeito intensificam as condutas, de modo depreciativo. São recorrentes palavras como *perigoso, violento e/ou traficante*. O sujeito deixa de ser sujeito para ser a transgressão à lei que ele cometeu, quando é realçado o seu grau de periculosidade à sociedade.

Assim, pode-se dizer que a população pobre e de cor de pele preta ainda é considerada como a face do crime, e que a mídia noticiosa, pelo menos nos programas analisados, perpetua estereótipos presentes na sociedade, colaborando para a continuidade das condições de instabilidade social e tensão racial. O jornalismo ainda peca com uma parcela expressiva da nossa população.

É preciso deixar claro que temos a consciência de que a amostra selecionada de 10 matérias jornalísticas é pequena se comparada à imensidão de conteúdos *on-line* e impressos que existem em nosso país. Mas, mesmo com limitações de tempo e capacidade operativa de pesquisa, consideramos que os objetivos deste trabalho foram atendidos.

Referências

ACEVEDO, Claudia Rosa, NOHARA, Jouliana & RAMUSKI, Carmen Lúcia. (2010). Relações Raciais na Mídia: um estudo no contexto brasileiro. *Psicologia Política*, 10(19), 57-73.

ALMEIDA, Silvio. *Racismo Estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE IMPRENSA. Princípios internacionais da ética profissional no jornalismo. Disponível em: <http://www.abi.org.br/paginaindividual> Acesso em: 05 jun. 2021.

BREED, Warren. Controlo social na redação. In: TRAQUINA, N. (Org.). *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Lisboa: Vega, 1999.

CHAUÍ, Marilena. O que é ideologia. São Paulo: Brasiliense, 1980.

DUCROT, Oswald. Princípios de semântica lingüística (dizer e não-dizer). Tradução do original *Dire et ne pas dire: principes de sémantiquelinguistique* por Carlos Vogt, Rodolfo Ilari e Rosa Attié Figueira. São Paulo: Cultrix, 1977.

GIESBRECHT, Daniel Florence. A classe média brasileira e o arquétipo do preconceito de classe. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*. Ano 05, Ed. 02, Vol. 04, pp. 104-124. Fevereiro de 2020. ISSN: 2448-0959, Link de acesso: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/historia/arquetipo-do-preconceito>

GREGOLIN, Maria do Rosario Valencise1 A análise do discurso: conceitos e aplicações. Departamento de Lingüística - Faculdade de Ciências e Letras - UNESP -14800-901 - Araraquara – SP. Alfa, São Paulo, 39: 13-21, 1995.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil. 2019.

IJUIM, Jorge Kanehide. A Responsabilidade social do jornalista e o pensamento de Paulo Freire. *Em Questão*, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 31 - 43, jul./dez. 2009.

KOCH, Ingedore G. Villaça. Argumentação e linguagem. São Paulo: Cortez, 1984.

———. A coesão textual. São Paulo: Contexto, 1989.

———. A referenciação como atividade cognitivo-discursiva e interacional. *Cadernos de estudos lingüísticos*. nº 41. Campinas: IEL / Unicamp, jul. / dez., 2001. p. 75-90.

———. A inter-ação pela linguagem. São Paulo: Contexto, 1992.

———. Desvendando os segredos do texto. São Paulo: Cortez, 2002.

———. Introdução à lingüística textual: trajetória e grandes temas. São Paulo: Martins Fontes, 2004a (Coleção texto e linguagem)

———. Argumentação e Linguagem. São Paulo: Cortez, 2011.

MAINGUENEAU, Dominique. Cenas da enunciação. Curitiba, PR: Criar, 2008a.

MENDONÇA, Maria Luiza Martins de e JORDÃO, Janaína Vieira de Paula. Nojo de pobre: representações do popular e preconceito de classe. *Contemporânea*. Ano 12, vol. 1, nº 23, 2014.

MISSE, Michel. Crime e violência no Brasil contemporâneo. Estudos de sociologia do crime e da violência urbana. Rio Janeiro: Editora Lumen Juris, 2006.

MOREIRA, Adilson. Racismo Recreativo. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020.

MOREIRA, Matheus e DIAS, Tatiana. O que é ‘lugar de fala’ e como ele é aplicado no debate Nacional dos Jornalistas – FENAJ. Quem é o jornalista Brasileiro? Perfil da Profissão no País.

OLÍMPIO, Hilda de Oliveira. Nominalização, memória discursiva e argumentação. Rio de Janeiro, UFES, 2005.

PÊCHEUX, Michel. Apresentação da AAD. In: GADET, F., HAK, H. Por uma análise automática do discurso (Uma introdução à obra de Michel Pêcheux). Campinas: Pontes, 1990.

———. Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação. In: PÊCHEUX, M. Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução Eni P. Orlandi. Campinas: Ed. da Unicamp, 1997b. p.293-304.

PROGRAMA de Pós-Graduação em Sociologia Política da UFSC, em convênio com a Federação. Nexo, 2017. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/01/15/Oque-%C3%A9-%E2%80%98lugar-de-fala%E2%80%99-e-como-ele-%C3%A9-aplicado-nodebate-p%C3%BAblico>.

REGINATO, Gisele Dotto. Informar de modo qualificado: a finalidade central do jornalismo nas sociedades democráticas. Rio Grande do Sul: UFRGS/CNPq, 2019.

REIS, Júlia. Por que o racismo se naturalizou nas manchetes midiáticas brasileiras? VICE, 2018. Disponível em: <https://www.vice.com/pt/article/yw4bax/por-que-o-racismo-senaturalizou-nas-manchetes-midiaticas-brasileiras>

RIBEIRO, Djamila. Lugar de Fala. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020. Santa Catarina: 2012.

SANTIAGO, Maria Magda de Lima. Efeitos de credibilidade no jornalismo de opinião: Heterogeneidade e subjetividade na crítica política ao governo Temer / Maria Magda de Lima Santiago (tese de doutorado). 2018.

VARJÃO, Suzana. Micropoderes, macroviolências. Salvador: EDUFBA, 2008.

VIEIRA, Josenia Antunes e ROCHA, João Victor P. D. Um estudo de análise de discurso crítica: diferenciação racial de traficantes de drogas na mídia. Revista Discursos Contemporâneos em Estudo, 2018.

Endereços eletrônicos das notícias

<https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2020/11/23/caso-joao-alberto-veja-perguntas-e-respostas-sobre-a-morte-de-um-cidadao-negro-no-carrefour-em-porto-alegre.ghtml>

<https://www.nytimes.com/2020/05/31/us/george-floyd-investigation.html>

<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/2020/09/24/caso-breonna-taylor-o-que-se-sabe-ate-agora-sobre-a-mulher-negra-morta-nos-eua>

Endereços eletrônicos das reportagens

<https://g1.globo.com/es/espírito-santo/noticia/2021/02/15/apontando-como-lider-do-traffic-suspeito-e-presos-em-cariacica-es.ghtml>

<https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2020/05/14/tres-suspeitos-de-venderem-drogas-sinteticas-de-alto-valor-em-bh-sao-presos-pela-policia-civil.ghtml>

<https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/suspeito-de-trafficco-e-presos-com-cocaina-e-crack-na-regiao-da-pampulha-em-bh.ghtml>

<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/02/10/policia-prende-trafficantes-que-escondiam-droga-em-placa-de-transito-no-centro-de-sp.ghtml>

<https://g1.globo.com/pe/caruaru-regiao/noticia/2020/05/01/estudante-de-direito-e-detido-com-34-kg-de-maconha-e-tres-radio-comunicadores-em-floresta.ghtml>

<https://recordtv.r7.com/balanco-geral-rj/videos/trafficante-conhecido-como-gala-e-presos-na-zona-sul-do-rio-18022020>

<https://recordtv.r7.com/cidade-alerta/videos/estudantes-de-medicina-sao-presos-por-trafficco-de-heroina-20102018>

<https://noticias.r7.com/minas-gerais/balanco-geral-mg/videos/estudante-de-quimica-e-suspeito-de-trafficco-28112018>

<https://recordtv.r7.com/balanco-geral-rj/videos/trafficante-presos-em-praia-foi-monitorado-pela-policia-segundo-delegado-30112020>

<https://recordtv.r7.com/balanco-geral-manha/videos/trafficante-pao-com-ovo-e-presos-no-ceara-20102018>